



CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**A ITINERÂNCIA DE UM DISCENTE DA EJA E O PROCESSO
DE ENSINO - APRENDIZAGEM:
Continuidades e Descontinuidades no Contexto
Escolar**

IDALICE DEIRÓ NORONHA

**Assunção - Paraguai
2019**



CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

**A ITINERÂNCIA DE UM DISCENTE DA EJA E O PROCESSO
DE ENSINO - APRENDIZAGEM:
Continuidades e Descontinuidades no Contexto
Escolar**

IDALICE DEIRÓ NORONHA

**Assunção - Paraguai
2019**



CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

A ITINERÂNCIA DE UM DISCENTE DA EJA E O PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM:

Continuidades e Descontinuidades no Contexto Escolar

Dissertação apresentada a Facultad Interamericana de Ciencias Sociales como parte do requisito para obtenção do grau de Mestrado em Ciências da

Educação. Orientador: Prof. Dr. Francisco José Barbosa.

**Assunção - Paraguai
2019**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

IDALICE DEIRÓ NORONHA

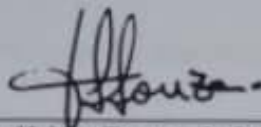
A ITINERÂNCIA DE UM DISCENTE DA EJA E O PROCESSO DE ENSINO -
APRENDIZAGEM: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NO
CONTEXTO ESCOLAR

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

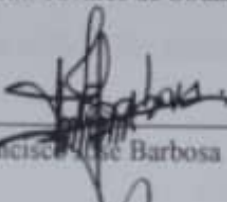


ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA



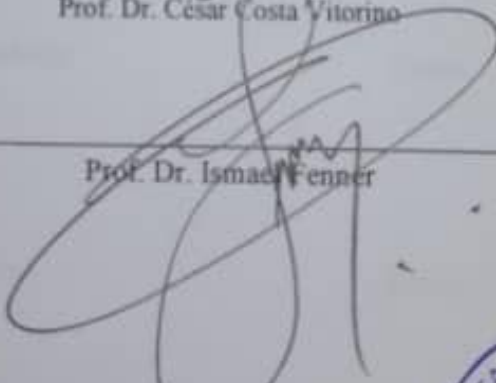
Prof. Dra. Helena Tavares de Souza



Prof. Dr. Francisco José Barbosa



Prof. Dr. César Costa Vitorino



Prof. Dr. Ismael Fenner

Asunción - Paraguay
2019



Aos meus pais Walter Furlan de Noronha (In Memoriam) e Maria Idalina Deiró Noronha, por ter me colocado ao mundo e ter entendido, dentro da sua simplicidade e pouco estudo, que estudar é importante. Apesar das condições e sofrimentos que passaram na vida, sempre deram o melhor de si para mim e para meus irmãos. Aos Senhores meus pais, todo o meu amor e afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que na sua infinita bondade, deu-me sabedoria, discernimento e forças para que não desistisse.

Ao meu irmão Washington (In Memoriam) e aos demais membros da família que direta ou indiretamente contribuíram para mais essa conquista.

Ao meu Professor Dr. Francisco José Barbosa pela paciência e incentivo.

A minha coordenadora Telma Regina, pelo apoio e por muitas vezes ter ouvido os meus desabafos.

Aos amigos que conheci em Santo Amaro no mestrado, e que em muitos momentos dividimos alegrias e tristezas.

A Cidade de Santo Amaro, na pessoa de Telma Regina, agradeço a acolhida.

As instituições: Centro Educacional Padre Fenelon Costa na pessoa do professor Roque Smitti. Centro Educacional Teodoro Sampaio na pessoa da Professora Carmen Oliveira. Escola Stella Mutti na pessoa da professora Maria Natividade Rocha.

A todos que direta ou indiretamente, contribuíram na construção da minha história, a palavra é gratidão.

A estrutura de um grupo não é uma soma de relações individuais. Se ele existe, sua existência deve-se, sem dúvida, à presença de seus membros e ao que eles lhes dão de si próprios.

Henri Wallon

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a itinerância de um sujeito da EJA no processo ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidade e descontinuidade no contexto escolar. Para a efetivação desse objetivo, as investigações foram apresentadas de maneira a responder à questão da pesquisa: Como o sujeito da EJA constitui o seu processo de ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidade e descontinuidade no contexto escolar? A pesquisa tem uma abordagem qualitativa com a análise do conteúdo realizada com uma aluna da EJA do Ensino Fundamental I- Tempo de Aprendizagem III de uma escola da rede pública. Os instrumentos utilizados correspondem a observações, entrevistas com questionários compostos por questões abertas e fechadas. As análises explanadas refletem na compreensão de como se constitui o processo de ensino-aprendizagem de um sujeito da EJA. A pesquisa tem como foco analisar, refletir, e compreender as questões que motivaram o sujeito a continuar e descontinuar os seus estudos no decorrer de sua caminhada. Nesse sentido, as hipóteses confirmadas, mais o novo elemento que apareceu nas entrevistas, através do depoimento espontâneo da aluna, me fez concluir por meio das investigações realizadas nesta pesquisa, que, o que motivou esse sujeito, a continuar e descontinuar os seus estudos por diversos momentos em sua vida, promovendo assim o seu insucesso, foi o abandono afetivo, consistindo dessa forma, em traumas.

Palavras-Chave: EJA, Afetividade, Ensino-Aprendizagem, Políticas Públicas, Dificuldades.

ABSTRACT

The roaming of an EJA subject in the teaching-learning process: continuity and discontinuity in the school context. This work has aim to understand the roaming of an EJA subject in the teaching-learning process from the continuity movements and discontinuity in the school context. To accomplish this goal, the research was presented in order to answer the research question: How does the subject of the EJA constitute its teaching-learning process from the continuity and discontinuity movements in the school context? The research has a qualitative approach with the analysis of the content carried out with an EJA student at Elementary School I - Learning Time III of a public school. The instruments used correspond to observations, interviews with questionnaires composed of open and closed questions. The explanatory analyzes reflect in the understanding of how the teaching-learning process of an EJA subject is constituted. The research focuses on analyzing, reflecting, and understanding the issues that motivate the subject to continue and discontinue their studies in the course of their walk. This sense, the confirmed hypotheses, plus the new element that appear in the interviews, through the spontaneous testimony of the student, did it through the investigations, in order to motivate the subject, to continue and to discontinue his studies by memories in his life, thus promoting their failure, was the affective abandonment, consisting in this way, in traumas.

Keywords: EJA, Affectivity, Teaching-Learning, Public Policies, Difficulties.

LISTA DE SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
AC	Atividade Complementar
ABC	Cruzada de Ação Básica Cristã
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CEAA	Campanha de Educação de adolescentes e Adultos
CENAP/EJA	Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico para a Educação de Jovens e Adultos
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
EJA-GD	Grupo de Discussão da Educação de Jovens e Adultos
FEBA	Faculdade de Educação da Bahia
FCBTVE	Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
ME	Ministério da Educação
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MOVA	Movimento de Alfabetização
PAF	Programa de Alfabetização Funcional
PAS	Programa de Alfabetização Solidária
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PNLA	Programa Nacional do Livro Didático
PNLDEJA	Programa Nacional do Livro Didático Para Educação de Jovens e Adultos
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIRENA	Sistema Rádio Educativa Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - EJA: CONCEPÇÕES POLÍTICAS E REALIDADES.....	16
1.1 - Histórico da EJA.....	16
1.2 - Definição de Educação de Adultos, Educação Popular, Educação Não Formal e Educação Comunitária.....	19
1.3 - Campanhas e programas para a educação de jovens e adultos.....	22
CAPÍTULO II - ENSINO-APRENDIZAGEM:EJA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	38
2.1 - Relação professor, aluno e a afetividade na EJA.....	38
2.2 - O que é ensinar? E o que é aprender.....	42
2.3 - Profissionais que trabalham na educação de jovens e adultos.....	44
CAPÍTULO III - DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO SUJEITO DA EJA	49
3.1 - Perfil do sujeito da EJA	49
3.2 - Marcas que impedem o avanço no campo pessoal e profissional do sujeito da EJA.....	54
3.3 - Laços de afetividade na aprendizagem podem contribuir para o desenvolvimento do aluno.....	57
CAPÍTULO IV METODOLOGIA DA PESQUISA.....	64
4.1 - Conceito de metodologia.....	64
4.2 - A escolha do tema.....	65
4.3 - A escolha do sujeito.....	65
4.4-Sobre o método da pesquisa e os instrumentos utilizados.....	66
CAPÍTULO V ANÁLISE DOS DADOS.....	70
5.1 - Hipóteses levantadas.....	70
5.2 - Questionários com perguntas abertas.....	72
5.3 - Questionários com perguntas fechadas.....	73
5.4 - Depoimentos dados pela aluna.....	74
5.5 - Análise do depoimento.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICES.....	88

INTRODUÇÃO

Trajetória Profissional

A minha formação acadêmica inicia no curso de Licenciatura em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar, na Faculdade de Educação da Bahia (FEBA) no ano 2002, ainda como estudante de pedagogia, prestei concurso para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, onde fui aprovada para a função de professor nível I. Dando seguimento aos meus estudos, fiz a especialização em psicopedagogia na Faculdade São Bento da Bahia, no ano de 2007.

Na sequência, fiz outra graduação na área de educação, então, optei em cursar Licenciatura em História, pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) no ano de 2008. Os anos que seguiram após a especialização e até iniciar o curso de Mestrado em Ciências Sociais da Educação, foram dedicados para outros estudos, ou seja, pequenas formações relacionadas a função de professor. Dessa forma, leciono há 13 anos na Rede Pública, no Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, como também na Educação de Jovens e Adultos.

O porquê de pesquisar sobre esse tema

Ao iniciar, na área de educação lecionando, percebi o quanto é frequente a descontinuidade dos estudantes na fase escolar (séries iniciais) e a continuidade só na fase adulta. Então, a partir dessa questão de continuidades e descontinuidades, começaram a surgir indagações no sentido de entender o porquê desse afastamento na fase escolar e desse retorno só na fase adulta. E essas questões foram se ampliando, e até certo ponto, me causando um desconforto, pois, me inquietavam muito.

Foi a partir de um encontro com os colegas denominado de Reunião Pedagógica (AC), que percebi que cada colega ao se pronunciar, trazia questões que eram pertinentes e preocupantes em sua turma, e eu ouvia aquelas queixas pacientemente. Lembro que em uma dessas reuniões os colegas colocaram como um fator preocupante a questão da infrequência ou frequência irregular. Essa questão chamou a minha atenção.

Ao chegar o momento de colocar as questões da minha turma, percebi que os problemas das turmas dos meus colegas, eram exatamente os problemas da minha turma, e que o item infrequência ou frequência irregular, também era forte no grupo em que leciono. Partindo desse pressuposto, resolvi pesquisar sobre o tema em questão, para assim, compreender o porquê desse afastamento.

Justificativa do tema, problemática e objetivos

Arroyo (2017) comenta sobre o direito a uma vida digna, humana e justa, para o jovem adulto, ou seja, os jovens adultos que em sua maioria são explorados no trabalho, e que terminam por abandonar os estudos, pois, não reúnem condições físicas e psicológicas suficientes, para estar em uma sala de aula à noite. E por conta dessas e outras questões, que pertencem ao individual de cada aluno, justifico esse estudo pela necessidade de compreender, analisar e refletir sobre esses possíveis motivos que levam o sujeito da EJA a se afastar do contexto escolar.

É importante lembrar que a educação dos membros de uma sociedade é realizada em várias instâncias sociais, de maneira especial e de forma sistemática pela escola, local privilegiado do estudo, da socialização entre vários seres humanos e da influência marcante que esse convívio irá acarretar em sua conduta ética concomitantemente nos seus comportamentos nos vários núcleos sociais do qual fazem parte, para isso “é necessário que as pessoas conheçam os direitos individuais e coletivos, os deveres e, principalmente, se reconheçam como sujeitos de direitos, atuantes na sociedade” (CAPUCHO, 2012, p.13).

Nesse sentido de se reconhecer como sujeito de direitos como cidadãos que estão em busca de um lugar na sociedade, é que o jovem/adulto vem tentando se auto afirmar. Falamos em ética e em postura substantivamente democrática porque, não sendo neutra, a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas e decisões [...] (FREIRE, 2001).

Na visão de FREIRE (2001) os educandos apresentam sonhos que divergem dos sonhos dos educadores. Baseado nesse pensamento surgem as opções, porque os educandos têm o direito a escolhas, rupturas e decisões, porque são seres que pensam, refletem e criticam e que têm o direito de sonhar por vários motivos, não importam se esses sonhos que os educandos apresentam, são iguais

ou diferentes do que os educadores sonham para eles, mas que o que importa afinal é não deixar de sonhar.

Ao fazermos um levantamento em sites de pesquisas, como também em diversos livros, revistas na área de educação no sentido de obter trabalhos específicos, publicados com essa temática, percebemos, que em termos de publicação acadêmica nessa área de Educação de Jovens e Adultos, não foram encontrados trabalhos que correspondessem a nossa investigação.

Através dessas inquietações relatadas, surgiu como base para essa pesquisa a seguinte investigação: Como o sujeito da EJA constitui o seu processo de ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidades e de descontinuidades no contexto escolar? E como objetivo Geral Identificar os processos de continuidades e de descontinuidades do sujeito da EJA no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem. Ela terá também como objetivos específicos: compreender a itinerância de um sujeito da EJA no processo de ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidades e de descontinuidades no contexto escolar; analisar como se constitui a aprendizagem do sujeito da EJA baseado no processo de continuidades e de descontinuidades no contexto escolar.

Essa pesquisa está desenvolvida em uma introdução, quatro capítulos, análises dos dados, considerações finais e as referências distribuídas da seguinte forma:

Capítulo I EJA: Concepções políticas e realidades - Apresenta o histórico da EJA, como também versa sobre o direito do jovem/adulto a educação, tendo como suporte, (CAPUCHO 2012). Traz a definição de Educação de Adultos, Educação Popular, Educação Não Formal e Educação Comunitária embasada nas concepções de: (GADOTTI, 2011), (FREIRE, 2011), (CAPUCHO,2012), em seguida, aborda Programas e Campanhas que foram criados com o intuito de alfabetizar Jovens e Adultos na visão de (PAIVA, 1982,), (OLIVEIRA, 2015), (CAPUCHO, 2012), (ARROYO, 2011).

Capítulo II Ensino - Aprendizagem: EJA no contexto escolar. A abordagem neste capítulo gira em torno de três questões: 1ª - A relação professora aluno e a afetividade. 2ª – Uma reflexão acerca de: o que é ensinar? E o que é aprender? 3ª - Sobre às outras pessoas que trabalham na Educação de Jovens e

Adultos. Usaremos como base os autores (ALMEIDA, 2012), (AQUINO, 1998), (ARROYO, 2017), (LUCK, 2003),

Capítulo III Dificuldades encontradas no processo de escolarização do sujeito da EJA. As questões apresentadas são: o perfil do educando da EJA, as marcas que impedem o avanço no campo pessoal e profissional do sujeito da EJA, e os laços de afetividade na aprendizagem, abalizado em (ARROYO, 2017), (REIS, 2011), (CAPUCHO, 2012), (PLACCO, 2006), (ALMEIDA, 2012).

Capítulo IV Metodologia da pesquisa. O capítulo discorre sobre a metodologia da Investigação da pesquisa, como também sobre a escolha do tema, a escolha do sujeito, o método da pesquisa e os instrumentos utilizados, amparado em: (DESLANDES, GOMES, MINAYO, 2007), (ALMEIDA 2012).

Capítulo V Análises de dados. Esse capítulo incidi em analisar os dados coletados ao longo da pesquisa, embasado em (PLACCO,2006), como também na (Declaração dos Direitos Humanos, 2009).

CAPÍTULO I - EJA: CONCEPÇÕES POLÍTICAS E REALIDADES

1.2 -Histórico da EJA

O interesse em escrever sobre esse tema surgiu por ser professora da Educação de Jovens e Adultos, como também pelas constantes queixas e relatos dos próprios alunos, ao dizerem que não tem um material didático de acordo às suas necessidades, um fardamento, um mobiliário adequado, uma merenda digna e de qualidade e que vivem das sobras do diurno.

Essas queixas constantes, me fizeram refletir sobre esse relato dos alunos, ao ponto de surgir o interesse em pesquisar sobre o tema políticas públicas para Jovens e Adultos, para a formação de professores como também sobre a política realizada no sentido de manutenção e conservação da escola no que tange aos aspectos físico e pedagógico, para que se tenha uma escola alinhada e de qualidade.

O caminho a percorrer para a construção da metodologia de pesquisa que tem como objeto o estudo da continuidade e descontinuidade de um sujeito da EJA, no seu processo ensino-aprendizagem, será pautado na pesquisa social, pois:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo, portanto, embora, seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema de vida prática. As questões de investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2007, p.16).

A pesquisa social se define como sendo o processo de utilização da metodologia científica na obtenção de novas informações. E tem como objetivo, buscar respostas para os problemas através do emprego de procedimentos científicos, sendo assim:

O objeto das Ciências Sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferentes de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica têm alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações (Ibid., p.12).

E por conta desse influxo de informações ou seja, a influência, a concorrência, o domínio das comunicações marcados pelo avanço tecnológico, foi possível para as ciências sociais, do ponto de vista científico, um novo olhar para a organização da sociedade, sem perder de vista o contexto ao qual o sujeito está inserido, respeitando o tempo, o modo de vida e a constituição desse elemento.

A educação de adultos surgiu na época do Brasil colônia sendo que eram ensinados aos povos indígenas a arte através dos trabalhos manuais, além do funcionamento da economia colonial e era ministrada por jesuítas que aprendeu a língua desse povo para assim poder educá-los. Ao mesmo tempo que os jesuítas ministravam a educação formal e religiosa para as crianças, educava também os adultos sendo abordado por Santos da seguinte maneira:

Nos períodos de Colônia e Império, os jesuítas dominaram a educação, com a intenção de difundir o catolicismo e dar educação à elite colonizadora, a quem se oferecia uma educação humanística. Esse domínio compactuava com os interesses do regime político que visava à manutenção da ordem. Na Europa, com o crescente movimento da Reforma, paralelo às ideias modernas inspiradas no Iluminismo, a Companhia de Jesus tratou de afastar as atividades criadoras presentes naquele continente e, transmitia, em seus ensinamentos no Brasil, os severos dogmas católicos, o que possibilitou a destruição de culturas inteiras (2008, p. 01).

Na época do Brasil Colônia a prioridade nos estudos era dada às crianças, por entenderem que formariam a nova geração católica e poderiam se tornar agentes multiplicadores diante do seu povo, no entanto, isso não foi impedimento para que os adultos fossem educados, porém, dentro de um processo mais lento.

A intensa mobilização por parte dos jesuítas no processo de educar, era algo restrito aos homens indígenas. Não há registro da educação/alfabetização de mulheres. Era percebido também no período colonial, que não havia nenhum interesse por parte do governo em institucionalizar a escola, pois, nessa época, não foi constatado iniciativas significativas.

Já no período imperial essa preocupação se tornou forte no Brasil, sendo a:

Educação um direito o qual tem como referência a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), e a Constituição Brasileira de 1988, não deveríamos falar de prioridade, a não ser para casos em que se façam necessárias políticas afirmativas. Isso quer dizer, situações as quais para igualização dos desiguais se faça necessário tratamento desigual, o que sem dúvida é o caso da Educação de Jovens e Adultos, a qual demanda um tratamento diverso ao atribuído à educação dita regular, em virtude da dívida histórica para com a educação do(a) estudante-trabalhador(a) (CAPUCHO, 2012, p.23).

Essa falta de comprometimento por parte do governo na época do Brasil colônia, induz a pensar que investir na educação de adultos, era algo não interessante, e pelo fato de se pensar que a educação criaria indivíduos perigosos:

A educação de adultos das classes pobres sempre foi vista pela classe dominante como desnecessária e até “prejudicial” à felicidade desses trabalhadores. O discurso da elite naturalizava a condição financeira; assim, os menos favorecidos deveriam aceitar a posição à qual foram destinados na sociedade (CRUZ; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2012, p.01).

Um dos precursores da educação de jovens/adultos no Brasil, lutou pelo fim da educação elitista, pois, em seu pensamento a educação deveria ser democrática e libertadora, sendo que:

No Brasil e em outras áreas da América Latina a Educação de Adultos viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela tínhamos há poucos anos atrás. A Educação de Adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como Educação Popular. Tratemos de comentar esta transformação que, a nosso ver, indica os passos qualitativos da experiência educativa refletida por inúmeras pessoas/grupo latino-americanos (FREIRE, 2001, p.16).

A Educação popular, como uma proposta de ensino, valoriza o saber prévio do povo e suas realidades culturais, se transformou para educandos e educadores, em um processo de reflexão e militância, no qual, vários docentes e grupos populares descobriram que através desse movimento (proposta) é possível pensar em uma educação libertadora, pois:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo carregado de complexidades que carece de definições e posicionamentos claros, é um campo político, denso e carrega consigo o rico legado da Educação Popular (ARROYO, 2011, p.7).

E dentro desse campo complexo, o educando se constitui como sujeito, através da construção de novas aprendizagens, por meio de um olhar crítico, que facilita o seu movimento no contexto ao qual está inserido, ou seja, sua comunidade, nesse sentido:

[...] são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, deve ir, com a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feito, por um saber mais crítico, menos ingênuo. O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele (FREIRE, 1997, p.16).

Ela permite também, que seja desenvolvido no educando o estímulo, o diálogo, uma participação mais consciente, uma melhor leitura da realidade social, política e econômica, à medida que cria no sujeito através do conhecimento adquirido a consciência cidadã. A Educação popular utiliza o conhecimento da comunidade como subsídios na construção de novos saberes, valorizando os sujeitos envolvidos no processo de educar. A aplicação da Educação popular é mais comum em Instituições socioeducativas, em aldeias indígenas, e no ensino de jovens e adultos.

1.2 Definição de Educação de Adultos, Educação Popular, Educação Não Formal e Educação Comunitária.

Para uma maior compreensão e clareza do tema em questão que é a itinerância de um sujeito da EJA no processo de Ensino Aprendizagem, é necessário entender a definição de termos como Educação de Adultos, Educação Popular, Educação não Formal e Educação Comunitária, que muitas vezes por falta do conhecimento são usados erroneamente, sendo que os:

Os termos educação de adultos, educação popular, educação não formal e educação comunitária são usados muitas vezes como sinônimos, mas não são. Os termos educação de adultos e educação não formal referem-se à mesma área disciplinar, teórica e prática da educação. No entanto, o termo educação de adultos tem sido popularizado especialmente por organizações internacionais como a UNESCO, para referir-se a uma área especializada da educação. A educação não formal tem sido utilizada, especialmente nos Estados Unidos, para referir-se à educação de adultos que se desenvolve nos países de Terceiro Mundo, geralmente vinculada a projetos de educação comunitária. Nos Estados Unidos, no entanto, reserva-se o termo educação de adultos para a educação não formal aplicada ou administrada no nível local do país (GADOTTI; ROMÃO, 2011, p.36).

A educação de adultos consiste em educar adultos que em algum momento de sua vida concluíram ou foram impedidos de concluir a educação formal. A mesma tem como propósito, envolver esses jovens/adultos estudantes, em atividades sistemáticas, ou seja, contínuas onde os educandos serão inseridos em um ambiente acolhedor e serão motivados para o desenvolvimento da aprendizagem, para a conquista de habilidades, atitudes e valores, partindo de um pressuposto de que eles querem e podem aprender e que são capazes e dispostos em arcar com a responsabilidade de sua aprendizagem, dessa forma:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências têm que ver com a compreensão

crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos -, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular (FREIRE, 2011, p.21).

A educação popular é a arte de educar através dos saberes do povo, valorizando a realidade cultural na construção de novos saberes. É pautada em um olhar crítico que facilita a ampliação da comunidade que o estudante está inserido, proporcionando através desse olhar crítico o estímulo ao diálogo e a participação na comunidade, possibilitando a construção de uma formação social, política e econômica.

Educação não formal é aquela que acontece fora do sistema formal de ensino, complementando-se a este. É um método organizado onde os resultados não são avaliados formalmente. Nela são trabalhados valores essenciais a formação humana, dando ao estudante subsídios para a formação do cidadão, pois, nela são trabalhados pontos que desenvolvem no ser humano um olhar voltado para a melhoria da sua qualidade de vida e autoestima e através desse entendimento por parte do cidadão, capacita-o para os mais diversos espaços da sociedade.

Educação comunitária se refere a educação que envolve vários programas sociais, voltados para às populações de baixa renda. Abarca, na maioria das vezes, uma população organizada, liderada em muitos casos por líderes comunitários, como também por financiadoras e tem como meta educar para a cidadania.

A educação comunitária teve o seu início na década de 1950 por meio de centros universitários nos Estados Unidos, é evidente que:

O foco do nosso olhar, ao nos aproximarmos e atuarmos nas múltiplas práticas educativas de Educação de Jovens e Adultos, suscita sérias questões: como garantir a jovens e adultos populares seu direito ao conhecimento e à cultura devidos? Como equacionar as formas mais apropriadas de organizar e aprender esse conhecimento? Serão as formas que nos são familiares em nossa tradição escolar? O equacionamento e as respostas a essas questões que tanto educadores(as) de jovens e adultos populares se colocam deverão ser feitos tendo como referencial as vivências, processos, identidades, lutas e saberes construídos pelos sujeitos da EJA nas relações sociais, culturais e políticas vivenciadas nos diferentes espaços sociais: a família, o trabalho, os grupos culturais, os movimentos sociais, a militância política, as igrejas, os terreiros de candomblé, a luta pela terra, os espaços de lazer, entre outros. A articulação dessa totalidade tem sido uma tensão na história da Educação

de Jovens e Adultos e nas pesquisas e práticas educativas (SOARES; GIOVANETTI; GOMES, 2011, p. 8).

É inegável que nesta etapa da história da Educação brasileira, as lutas pela permanência da Educação de Jovens e Adultos ainda sejam constantes. No sentido de que se possa ter uma sociedade igualitária e uma Educação inclusiva e não exclusiva, contudo, e:

Nessa direção, a luta histórica pela igualdade do direito à Educação e o enfrentamento às múltiplas formas de exclusão social resultaram na garantia da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação básica, sob a responsabilidade dos sistemas públicos de ensino, os quais passaram a responder pela disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade, adaptabilidade, permanência e elevação da escolaridade de jovens e adultos (as), mediante ações integradas e complementares entre os diferentes entes federados (CAPUCHO, 2012, p.22).

Destacamos a importância de se analisar os diversos programas que foram criados com o intuito de alfabetizar jovens/adultos, pois, muitos deles não deram certo, outros foram reformulados. Mas os erros em relação aos programas ainda persistem, porque não existe por parte do governo uma política de inclusão voltada para a educação de jovens e adultos, onde os mesmos possam se sentir amparados e valorizados:

Historicamente, a trajetória da educação brasileira relacionada à educação de jovens e adultos visa atenuar os processos de exclusão e marginalização social que sofriam e sofrem os jovens e adultos que se encontravam e se encontram fora dos bancos escolares, mas presentes nos dados oficiais brasileiros relacionados ao analfabetismo e analfabetismo funcional (MAIA, 2010, p.141).

Nesse sentido de corrigir ou amenizar essas perdas irreparáveis é que foram criados diversos Programas e Campanhas, com o intuito de alfabetizar jovens e adultos.

Na Bahia, conforme informações divulgadas pelo Jornal Bahia Notícias, nos últimos dez anos, houve uma redução de 30,7%, da oferta da modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA), configurando-se desta forma, em um cenário, no qual se torna cada vez mais difícil a permanência do jovem e adulto na escola¹.

¹ ¹ Matéria publicada no Jornal Bahia Notícias no dia 06 de Abril de 2019 às 18h20min. Disponível no site: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/234571-bahia-segue-tendencia-nacional-e-reduz-oferta-de-eja-em-30-nos-ultimos-10-anos.html>. Acesso em: 20/06/2019 às 15h00min.

Em Salvador, a Educação de Jovens e Adultos, passa por momentos difíceis. Várias unidades educacionais, no turno noturno, deixaram de funcionar, reduzindo assim, a oferta do ensino noturno, para aqueles que não conseguiram completar a sua escolarização no tempo certo. As escolas que continuam a funcionar tiveram as suas turmas reduzidas.

1.3-Campanhas e programas para a educação de jovens e adultos

Foram inúmeras as investidas no sentido de alfabetizar jovens e adultos. Desde o período da colonização do Brasil aos dias atuais, diversos programas e campanhas foram lançados no sentido de erradicar o analfabetismo no país. Dentre essas campanhas e programas, algumas deram certo por pouco tempo e em seguida, entraram em um processo de reformulação, outras tiveram os seus dias de vida contados. Dentre essas campanhas e esses programas destacamos o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e também o CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais) desdobrando-se em vários Centros Regionais. Criado no dia 13 de janeiro de 1937, no início recebeu o nome de Instituto Nacional de Pedagogia:

Segundo o Decreto-Lei, cabia ao Inep "organizar a documentação relativa à história e ao estado atual das doutrinas e técnicas pedagógicas; manter intercâmbio com instituições do País e do estrangeiro; promover inquéritos e pesquisas; prestar assistência técnica aos serviços estaduais, municipais e particulares de educação, ministrando-lhes, mediante consulta ou independentemente dela, esclarecimentos e soluções sobre problemas pedagógicos; divulgar os seus trabalhos". Também cabia ao Inep participar da orientação e seleção profissional dos funcionários públicos da União².

No ano seguinte, em 1938 foi que o INEP iniciou realmente os seus trabalhos, quando foi publicado o decreto lei nº 580, que regulamentou a organização e a estrutura da Instituição. A partir dessa organização e estruturação teve o seu nome modificado para Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos tendo como diretor-geral do órgão o professor Lourenço Filho.

Vale destacar que a -CEAA - Campanha de Educação de adolescentes e Adultos, foi um movimento em benefício da Educação de Jovens e Adultos, que

² É possível encontrar essa obra no site: (<http://inep.gov.br/web/guest/historia> acesso em: 09/11/2018 às 19:05 horas).

surgiu em 1947 e se ampliou até o fim da década de 1950 cuja a influência foi marcante por criar uma infraestrutura nas duas outras campanhas organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura, a Campanha Nacional de Educação Rural (1952), que compreendia as ações dos Ministérios da Educação, da Agricultura e da Saúde. Ressalto ainda que:

A CEAA teve grande penetração em praticamente todos os Estados da Federação. Com firme coordenação de Lourenço Filho, estabeleceu convênios com muitas secretarias dos estados e municípios. Não se limitou a atuar nas capitais, atingiu muitas cidades do interior. Significou, ao mesmo tempo um movimento de alfabetização de adultos e um movimento de extensão da escolarização no meio rural³.

A campanha recebeu severas críticas por ter se tornado uma fábrica de eleitores, pois, a CEAA, restringia-se apenas a ensinar a assinar o nome para se obter um título, pois, o momento era de recomposição dos partidos políticos e já se cogitava a preparação para campanhas eleitorais.

A Campanha de Educação Rural foi coordenada por Artur Rios. A mesma tinha a visão de que a sala de aula não era o suficiente para que o aluno aprendesse. Partindo desse princípio, foram realizadas ações educativas junto às comunidades rurais, no sentido de trabalhar a educação sanitária, a higiene, a saúde e a introdução de algumas técnicas agrícolas, dando ênfase a realização de campanhas como a de água filtrada, fossa sanitária como também atendimento as mães no pré e pós-natal:

Um dos seus grandes méritos foi formar excelentes quadros médios, principalmente para os trabalhos relativos aos setores da saúde: agentes sanitários, prevenção da malária, tratamento da esquistossomose etc. No início dos anos de 1960, encontravam-se ótimos técnicos trabalhando no meio rural, embora os serviços a que pertenciam estivessem desprestigiados e sem verbas⁴.

As reformas realizadas por parte do governo, no sentido de melhorar a educação rural, seguidos pela falta de verbas, contribuíram assim para o seu insucesso. A outra Campanha foi a Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958), ambas sobreviveram por pouco tempo, e do que foi planejado tiveram vida curta e poucos alcançaram.

³ É possível encontrar essa obra no site: <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:30 horas).

⁴ É possível encontrar essa obra no site: <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:30 horas).

A SIRENA- Sistema Rádio Educativa Nacional, criada em 1957 para a educação de adultos. Tinha como apoio a Igreja Católica que ofereceu a estação de rádio de sua propriedade, para alfabetizar através do rádio:

As iniciativas de educar pelo rádio, em sentido lato, estavam presentes no Brasil desde os anos 1920, com Roquete Pinto, no antigo Distrito Federal. Mas o SIRENA é constituído como um sistema inteiro: são contratados profissionais das áreas de educação, saúde, agronomia e veterinária etc.; são produzidos programas educativos radiofonizados pelas melhores vozes do broadcasting da Rádio Nacional (as novelas de Rádio Nacional significavam o que significam hoje as novelas da Globo, para todo o Brasil⁵.

Com o sistema de ensino através do rádio, foi ampliado o processo de alfabetização de adultos, que por sua vez era transmitido através de gravações radiofônicas. Um segundo momento dessa campanha foi a construção da cartilha. No período que vai de 1959 até 1964, existiram o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1961) que foi patrocinado pelo Governo Federal.

O Movimento de Cultura Popular do Recife que surgiu no governo de Miguel Arraes, que ao assumir a prefeitura a encontrou totalmente vazia, ou seja, não existia nenhum plano de ação em que pudesse dar seguimento ou mesmo reestruturá-lo. O prefeito então voltou aos comitês de bairro e realizou uma pesquisa com o objetivo de saber o que esses grupos queriam da prefeitura. Nessa pesquisa Miguel Arraes queria saber na verdade por onde começar e quais eram os anseios do povo. Após a pesquisa ter sido realizada com os comitês de bairro:

A primeira prioridade apontada pelos comitês foi a educação, depois moradia, transporte etc. Por que a educação como primeira prioridade? Porque Recife estava crescendo, estava se expandindo e não havia escolas para crianças nos bairros pobres. A prioridade apontada era a educação para as crianças que passaram a ser atendidas por meio de intensa mobilização da Secretaria de Educação, com o apoio dos grupos organizados da sociedade⁶.

Os moradores alegaram que Recife estava se desenvolvendo e não havia escolas suficientes para as crianças e nem para adultos nos bairros pobres. Houve intensa mobilização dos grupos organizados da sociedade recifense, e assim, as

⁵ É possível encontrar essa obra no site: <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:30 horas).

⁶ É possível encontrar essa obra no site: <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:35 horas).

escolas passaram a funcionar em salões paroquiais, centros esportivos, clubes recreativos, pois:

Simultaneamente, Arraes convocou um grupo de intelectuais do Recife, entre eles Paulo Freire, Paulo Rosas, Abelardo da Hora e Germano Coelho – grupo que se encarregou de coordenar a criação de um movimento de cultura na cidade de Recife⁷.

O Movimento de Cultura Popular que foi idealizado na cidade de Recife por esse grupo de intelectuais citados acima, pode ser definido como um movimento que nasceu da miséria do povo de Recife. A Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler-implantada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, na Gestão de Djalma Maranhão, prefeito da cidade. Iniciada em fevereiro de 1961 e interrompida no começo do mês de abril de 1964, sendo que essa campanha:

Teve início com a implantação do então ensino primário de quatro anos, para crianças dos bairros pobres, em escolas de chão batido e cobertas de palha, como eram as moradias das famílias desses bairros. Da mesma forma como ocorreu no MCP, a implantação dessas escolinhas atendeu às necessidades e aspirações das camadas populares e contou com intensa participação das mesmas. Pela ideologia nacionalista que a inspirava, criou efetivos instrumentos para oferecer uma educação de qualidade: cuidadoso planejamento didático e esmerada preparação e acompanhamento das professorinhas. Essas ações foram ampliadas com a instalação de bibliotecas populares, praças de cultura, museus de arte popular e intensa valorização das festas, músicas e danças populares. Foram ainda complementadas com a alfabetização de adultos, usando para isto uma adaptação do Livro de Leitura para adultos do MCP, e com a Campanha De pé no chão se aprende uma profissão⁸.

Essa campanha não teve nada que se identificasse com as campanhas de alfabetização anteriores. O forte dela era a educação profissional. Oferecia cursos de sapataria, corte e costura, alfaiataria, encadernação, barbearia entre outros.

Em contrapartida existiram também ações repressivas, como programas de caráter conservador, como por exemplo: a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC) e o MOBREAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização em 1967:

No âmbito da educação de adultos, o governo autoritário criou, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) , implementado apenas em 1970, com o Programa de Alfabetização Funcional (PAF), que perdurou até 1985. Havia forte motivação para tal, que em nada se aproximava das múltiplas experiências de educação popular desenvolvidas na década anterior, especialmente as freireanas, abortadas pela ditadura militar, exatamente porque assumiam um compromisso emancipador da população

⁷ É possível encontrar essa obra no site: <http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:40 horas).

⁸ É possível encontrar essa obra no site :<http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:50 horas).

pobre e de classes populares, principalmente Nordeste do país. O projeto da ditadura militar passava pelo alargamento do avanço capitalista na constituição do país, pela industrialização. Por isso mesmo, necessitava de mão de obra qualificada – o que incluía maior escolarização e redução do analfabetismo entre a mão de obra industrial – para que atraísse multinacionais e conseguisse retirar o Brasil do atraso histórico a que estava submetido. Esse projeto passava, também, pela melhoria dos níveis de escolarização de jovens e adultos, historicamente interditados do direito à educação no país. O caminho primeiro, inegavelmente, era o de aprender a ler e escrever para que, deixando de ser analfabetos, homens e mulheres pudessem atender aos requisitos do capital e da mão de obra trabalhadora. A alfabetização apresentava-se como possibilidade rápida e de curta duração, porque a ditadura tinha pressa de executar seu projeto de Brasil grande (FREITAS; SILVA, 2017, p.395-413).

Como os próprios autores descrevem, o MOBREAL, foi instituído no período da ditadura militar. Com a expansão da industrialização, e conseqüentemente o avanço no capitalismo, o país precisava de mão obra qualificada, isso foi o motivo pelo qual ampliou-se a escolarização com o intuito de diminuir o analfabetismo entre homens e mulheres.

Isso aconteceu na gestão do presidente Arthur da Costa e Silva, no ano 1967, mas, o MOBREAL deslanchou apenas em 8 de setembro de 1970 por meio da assinatura do presidente Emílio Garrastazu Médici, que através do decreto-lei 1.124, concedia incentivos fiscais e descontos no Imposto de Renda às empresas que investissem nos programas de alfabetização. Em contrapartida, o governo amparava as escolas particulares que desejassem manter cursos gratuitos de alfabetização, dessa forma:

As empresas convencidas a optar pelo Mobral ao fazer suas deduções, passariam a contar com um maior contingente de mão-de-obra alfabetizada, contribuiria em maior parcela para o desenvolvimento econômico da nação e também a livraria do “mal do analfabetismo” principal impeditivo ao progresso⁹

Ao ser criado, o Mobral mobilizou o País através da campanha "Você também é responsável", que incentivava a participação da sociedade no novo projeto de educação, nesse sentido:

Conseguiu estender suas ações por todos os municípios do Brasil. Sua tarefa era executar o processo de alfabetização de adultos desde o recrutamento de professores até a construção de salas de aula e distribuição de material didático. Voluntários de todo o Brasil, entre

⁹ É possível encontrar essa obra na Revista Crítica Histórica Ano V, nº 10 dezembro/2014 ISSN 2177-9961.

alfabetizadores, monitores e supervisores, eram convidados a trabalhar gratuitamente para a instituição¹⁰.

Através dessa campanha, o governo estendeu suas ações por todos os municípios do Brasil. A campanha tinha como objetivo alfabetizar os adultos, mas por conta da dificuldade em conseguir um número de adultos suficientes, foi lançado uma proposta do Mobral infanto-juvenil, que passou a atender menores de 7 a 15 Anos:

Todos os responsáveis pelo Mobral confirmam a existência de uma política de incorporação de menores de 15 anos às classes do movimento desde o início do programa e buscam justificá-la de algum modo. Marcos Candau (68) confirma que, desde a primeira hora, o Mobral aceitou rotineiramente em suas classes crianças de 10, 11,12, 13 e 14 anos (PAIVA, 1982, p. 51-72).

O ex-ministro Jarbas Passarinho, na época que surgiu a proposta do Mobral infanto-juvenil, não achou nenhum absurdo a presença de crianças na sala de aula e defendeu a ideia de que era válida, uma vez que a carência de escolas era grande e também pelo fato dessas crianças de 7 a 15 anos já irem acompanhadas de seus parentes adultos querendo também aprender, por isso:

A crescente dificuldade de recrutamento teria levado as Comissões Municipais, ansiosas por cumprir as metas estabelecidas pelo movimento, a aceitar crianças nas classes do Mobral. Isto se confirma através do fato de que não foi o Nordeste do Brasil, na região onde se concentram os analfabetos, que surgiu a proposta do chamado "Mobral Infanto-Juvenil". Ela surgiu na região Sul, mas especificamente no Rio Grande do Sul, onde taxas de analfabetismo são substancialmente menos elevadas e onde as dificuldades de recrutamento apareceram mais rápida e drasticamente. Mas, não podemos dizer que a questão só se levanta com a inclusão de um programa infanto-Juvenil da proposta orçamentária do Ministério da Educação e Cultura em 1974. Até se configurar numa proposta concreta, este tipo de prática tinha já uma longa trajetória dentro do movimento (PAIVA, 1981, p.58).

No início do programa, foram convidados voluntários de todo o Brasil, dentre eles alfabetizadores, monitores e supervisores, que trabalhavam gratuitamente para a instituição. O Mobral ampliou-se firmando acordos com instituições privadas, e órgãos governamentais, a saber: Departamento de Educação Básica de Adultos, pertencente a um dos departamentos da Cruzada Evangélica de Alfabetização; O SENAC e o SENAI, com o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério de Educação e Cultura, através do Projeto Minerva; O Centro Brasileiro de TV

¹⁰ É possível encontrar essa obra no site: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,mobral-fracasso-do-brasil-grande-imp-606613>. Acesso em 08/11/2018 às 18:32.

Educativa (FCBTVE); Fundação Padre Anchieta; CNER, Fundação Educar, - Movimento de Alfabetização MOVA; PAS (Alfabetização Solidária); PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária); PBA (Programa Brasil Alfabetizado).

O Brasil alfabetizado é um programa que existe desde 2003 e tem como objetivo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), trabalha com uma população acima de 15 anos e está presente em todo país. O programa tem como preferência cidades cujo índice de analfabetismo seja alto, de maneira especial a Região Nordeste. Para participar do programa é necessário que a Prefeitura e o Estado aderissem ao Sistema Brasil Alfabetizado. Os professores alfabetizadores inscritos no programa, recebem uma bolsa, assim como, também, os coordenadores e o apoio técnico. É importante salientar que:

O quadro de alfabetizadores deve ser composto, preferencialmente, por professores da rede pública. Esses profissionais recebem uma bolsa do Ministério da Educação para desenvolver esse trabalho, no contra turno de suas atividades. Mas qualquer cidadão, com nível médio completo, pode se tornar um alfabetizador do programa. Ele deve cadastrar-se junto à prefeitura ou secretaria estadual de educação onde receberá formação adequada¹¹.

A posição do MEC- Ministério de Educação e Cultura, ao dizer que, qualquer cidadão com o nível médio completo pode se tornar um alfabetizador, nos remete a refletir sobre que tipo de educação formadora e que tipo de profissional foi colocado nesse período em que o programa foi lançado.

O PNLDEJA (Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos), agrupou o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), e expandiu o atendimento, inserindo o primeiro e o segundo segmentos de EJA, que correspondem aos anos iniciais, e finais do ensino fundamental, inseriu também o ensino médio na modalidade EJA:

No que se refere especificamente à avaliação de livros didáticos para jovens e adultos, a primeira ação significativa da DPAEJA/SECADI foi o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos – PNLA, que distribuiu mais de 2,5 milhões de livros de alfabetização. Em

¹¹É possível encontrar essa obra no site http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19002) Acesso Em 08/11/2018.

2011, com o intuito de ampliar a aquisição e a distribuição de livros didáticos para a EJA, o Ministério da Educação desenvolveu o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA/2011), que incorporou o PNLA e passou a ser um único Programa para avaliação de programas da EJA. Dessa forma, o PNLDEJA/2011 avaliou e selecionou obras e coleções didáticas destinadas aos jovens, adultos e idosos que frequentam a escola da Alfabetização aos anos finais do Ensino Fundamental¹²

O PNLDEJA, trabalha com a distribuição de obras e coleções do Programa Brasil Alfabetizado que atende a educandos e educadores da EJA. O PROJOVEM URBANO- Programa criado com o objetivo de elevar a escolaridade de jovens que tenham o conhecimento da leitura e da escrita, mas, que não concluíram o ensino fundamental na idade apropriada, sendo assim:

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Pro Jovem) na modalidade urbana visa à formação integral de jovens entre 18 e 29 anos que não concluiu o ensino fundamental, para inseri-lo no mercado de trabalho e possibilitar a ele o exercício da cidadania. Oferece um curso de duração de 18 meses, que é realizado presencialmente e a distância. Ao participar do programa, os alunos recebem uma bolsa mensal de R\$ 100,00¹³

O propósito desse programa é concluir o ensino fundamental. O programa integra a Educação de Jovens e Adultos à qualificação profissional, além de curso sobre ações comunitárias objetivando a cidadania.

O MEB-Movimento de Educação de Base, surgiu como um projeto de educação de base para o meio rural, que foi desenvolvido por meio das escolas radiofônicas. Tinha como meta alfabetizar alguns milhares de pessoas em cinco anos. Foi uma sugestão que apareceu para àquelas pessoas que não tinham concluído a escolarização na idade certa, sendo que:

O MEB nasceu de uma proposta feita por Dom Távora ao recém-eleito presidente Jânio Quadros: um projeto de educação de base para o meio rural, a ser desenvolvido por meio de escolas radiofônicas com “recepção organizada”, tendo como primeira meta alfabetizar alguns milhares de pessoas em cinco anos. Jânio Quadros aceitou a proposta da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil criou o MEB, imediatamente referendado por um decreto da presidência da República. Suas áreas de

¹²É possível encontrar essa obra no site http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19002 Acesso Em 08/11/2018).

¹³É possível encontrar essa obra no site <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=134>

atuação seriam o Nordeste, o Centro-Oeste e o Norte, mais tarde ampliadas com o estado de Minas Gerais¹⁴

O alvo desse programa, era desenvolver a capacidade de ler, escrever, e contar, como também, a orientação para os cuidados de: higiene, nutrição, prevenção de doenças endêmicas e transmissíveis, pré e pós-natal, práticas agrícolas, economia doméstica e civismo. A igreja acrescentava a catequese.

Já a Proposta de Ensino de alfabetização de Paulo Freire- foi desenvolvido pelo educador Paulo Freire, que tem como finalidade a alfabetização de jovens e adultos. Consiste em trabalhar com palavras do universo do educando:

A grande experiência do método de alfabetização, considerado primeira etapa da educação de adultos, foi realizada em Angicos, no Rio Grande do Norte. Paulo Freire assumiu o desafio de realizar esse trabalho com o apoio financeiro da Aliança para o Progresso – corajosamente, é verdade, mas tudo indica que sem comprometimentos. Angicos “estourou”; de repente a proposta passou a ser conhecida em todo o Brasil: alfabetizava-se em 40 horas! O entusiasmo de Paulo Freire, dos profissionais e dos estudantes envolvidos no projeto e a enorme motivação da própria população garantiram o sucesso da experiência. Quarenta anos mais tarde foi feito um teste com a população que participou da experiência, atestando que os que aprenderam a ler e escrever naquela época mantiveram suas habilidades de leitura e escrita durante todo esse tempo¹⁵.

Ao iniciar o processo de alfabetização, Paulo Freire fazia um levantamento vocabular, para diagnosticar os vocábulos mais usados pelos alunos e pela comunidade e assim selecionava as palavras a serem trabalhadas. A quantidade de palavras variava entre 18 a 23. Esse método foi desenvolvido em cinco fases:

1ª fase: levantamento do universo vocabular do grupo;

2ª fase: escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de riqueza fonética;

3ª fase: criação de situações existenciais características do grupo;

4ª fase: criação das fichas;

¹⁴ É possível encontrar essa obra no site:<http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:50 horas).

¹⁵ É possível encontrar essa obra no site:<http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf> acesso em: 08/11/2018 às 17:55 horas).

5ª fase: criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

Com base em tudo que foi colocado sobre Programas e Campanhas para Educação de Jovens e Adultos, é importante refletir sobre que tipo de política está sendo desenvolvida no sentido de resgatar o direito à cidadania, a dignidade, o respeito, a valorização destes educandos, alunos da EJA para garantir o acesso ao conhecimento, a permanência na escola e a sua aprendizagem que por muito anos foi negada.

As políticas de educação representadas pelo poder público, deveriam proporcionar a esses educandos a sua inserção na sociedade, dando-lhes a igualdade de oportunidades que só através do saber adquirido, permitirá o seu desenvolvimento pessoal e profissional para assim, serem integrados ao coletivo:

Nessa perspectiva, os sujeitos da EJA, nas suas diversidades, precisam de um espaço democrático para exercer o direito à cidadania; precisam ser reconhecidos como diferentes quanto às suas condições socioeconômicas, de gênero, e de etnia, merecendo ser educados e respeitados na própria diferença (OLIVEIRA, 2015, p.66).

Vale ressaltar que a questão da cidadania, a questão da igualdade e a questão da formação, não atinge só aos alunos, mais, também aos docentes que vem lutando incessantemente por condições dignas (emocionais e físicas), para melhor cooperar na formação do educando, é visível que:

No cenário educacional brasileiro, as marcas da precariedade e da improvisação são históricas, não sendo exclusividade dos contextos da EJA. Avanços, retrocessos, idas e vindas marcam a política educacional, oscilações exacerbadas na década de 1990, momento no qual a mundialização do capital impôs o processo de flexibilização e precarização das relações de emprego e trabalho, o qual também chegou ao campo da gestão escolar, desqualificando ainda mais a organização do trabalho pedagógico, favorecendo a desprofissionalização e proletarização do magistério em diferentes níveis e modalidades de ensino (CAPUCHO, 2012, p.66).

É pertinente a fala da autora ao comentar sobre as marcas da precariedade e da improvisação no ensino e o mais interessante é quando ela afirma que não é uma exclusividade da EJA, isso quer dizer que atinge aos diversos seguimentos da educação, porque na verdade, não existe uma política educacional, no sentido de atender com eficiência e qualidade, pois:

Não haveria exercício ético-democrático, nem sequer se poderia falar em respeito do educador ao pensamento diferente do educando se a educação fosse neutra – vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classes sociais. Falaríamos apenas de equívocos, de erros, de inadequações, de “obstáculos epistemológicos” no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender. A dimensão ética se restringiria apenas à competência do educador ou da educadora, à sua formação, ao cumprimento de seus deveres docentes, que se estenderia ao respeito à pessoa humana dos educandos. [...] Falamos em ética e em postura substantivamente democrática porque, não sendo neutra, a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém. É exatamente este imperativo que exige a eticidade do educador e sua necessária militância democrática a lhe exigir a vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática. Não vale um discurso bem articulado, em que se defende o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito (FREIRE, 1997, p. 21).

O que é visível no pensamento de Freire, é que é hábito nós ouvirmos um discurso que não é atrelado a prática. Existem muitas propagandas por parte dos poderes públicos, em relação a investimentos, no sentido de se obter uma educação de qualidade. Além disso, é noticiado também, investimentos em cursos de formação para os docentes. Isso não passa de um discurso, na prática, acontece o contrário.

Em muitos casos, quem investe em sua própria formação, como também, para que o aluno da EJA permaneça na escola é o professor, na verdade:

O campo de Educação de Jovens e Adultos, tem uma longa história. Diríamos que é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas públicas e diretrizes educacionais, da formação de educadores e intervenções pedagógicas. Um campo aberto a todo cultivo e onde vários agentes participam. De sementeiras e cultivos nem sempre bem definidos ao longo de sua tensa história. [...] Talvez, a característica marcante do momento vivido na EJA seja a diversidade de tentativas de configurar sua especificidade. Um campo aberto a qualquer cultivo e sementeira será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras. Pode-se tornar um campo desprofissionalizado. De amadores. De campanhas e de apelos à boa vontade e a improvisação. Um olhar precipitado nos dirá que talvez tenha sido esta uma das marcas da história da EJA: indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções, conjunturais (ARROYO, 2011, p.19-20).

Sendo assim, quais são os anseios, as angústias do professor no que tange ao seu processo de formação pra trabalhar com a Educação de Jovens e adultos, frente a essa realidade política que o autor comenta acima? E de seu papel enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem? O professor avalia as possibilidades concretas de contribuir na construção do aprendizado daqueles jovens e adultos que chegam à escola, muitas vezes sem o conhecimento formal,

mas com o conhecimento de mundo, partindo desse pressuposto de que aquele aluno(a) traz em sua bagagem algum conhecimento:

O professor por sua vez lançará mão desse recurso, dessa experiência de vida, para assim, desenvolver um trabalho de alfabetização, tendo como referência a proposta de ensino desenvolvida pelo educador Paulo Freire no seu processo de alfabetizar jovens e adultos, uma vez que:

[...] a sociedade vive atualmente processos rápidos e dinâmicos de mudanças e transformações sociais, políticas e econômicas, as quais exigem das pessoas outras habilidades que antes não eram necessárias para viver, a educação precisa não apenas contribuir, mas definitivamente lidar com as descontinuidades e rupturas ocasionadas pelas dinâmicas atualmente presentes nas práticas sociais de todas as pessoas. [...] Nesse contexto social a educação em geral, a Educação de Jovens e Adultos, compreendida numa perspectiva diferenciada do ensino regular tradicional, tanto pela trajetória pessoal e profissional quanto pelas demandas pessoais e sociais dos sujeitos, pressupõe uma prática docente que possibilite aos educandos desenvolverem a criticidade e a autonomia na própria ação educativa, de forma que seja possível utilizá-la nas práticas sociais, em diferentes formas e situações que demandam reconstruções e transformações. A escola que trabalha com jovens e adultos deve atentar para a superação da escola fragmentada, dividida em disciplinas e grades curriculares, distante da vida dos educandos. [...] Diante dessa realidade, temos como educadores e educadoras e coordenadores e coordenadoras o dever de conhecer, refletir, analisar e compreender a Leitura do Mundo dos educandos e educandas como ponto de partida para se entender a educação necessária (SEJA, s.d. p.13).

É nesse sentido, e por entender a realidade do aluno, que o professor da EJA utiliza e valoriza o conhecimento através da vivência que cada aluno possui:

O papel do professor constitui-se, basicamente, em ajudar o educando a aprender em todos os aspectos, isto é, na aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, hábitos, atitudes, valores, ideias ou qualquer tipo de aprendizagem ainda não desenvolvida e julgada importante e necessária para o educando tanto pessoal como socialmente (REEDER apud LUCK 1943, p.13).

Dentro do que foi exposto acima, e analisando a colocação de Reeder onde ele diz que “o papel do professor se constitui basicamente, em ajudar o educando a aprender em todos os aspectos(...)” (REEDER apud LUCK, 1943, p.13). Vale lembrar que esses aspectos envolvem o cognitivo, o motor e o afetivo, sendo assim, o professor é responsável na formação desse ser que se encontra em formação, e a esse professor, é atribuído diversas funções, onde são desempenhados diversos papéis. Na percepção de Luck temos o esclarecimento que:

[...] a concepção do papel do professor como agente de Educação integral e não apenas como transmissor de conhecimentos ou agente do desenvolvimento de aptidões cognitivas não é recente. [...]

Os cursos de formação dos professores vêm enfatizando, no entanto, mais os aspectos de conhecimento de áreas ou conteúdo específicos e conhecimentos de prática e procedimentos básicos (métodos e técnicas) em seu currículo. Observa-se que outros aspectos vitais para a promoção de uma educação integral e humanizada são colocados, via de regra, em segundo plano, como por exemplo:

- Conhecimento dos processos de desenvolvimento humano (em termos de exemplificação e aplicabilidade);
 - Conhecimentos dos processos de aprendizagem (em termos de exemplificação e aplicabilidade);
 - Compreensão das influências do ambiente sócio-econômico-cultural sobre o educando;
 - Compreensão e sensibilidade para as diferenças individuais dos educandos;
 - Habilidade em manter um relacionamento humano eficaz;
 - Habilidade em comunicar-se clara e eficazmente;
 - Habilidade em resolver problemas de sala de aula;
 - Habilidade em motivar seus alunos;
 - Habilidade em selecionar e desenvolver formas de desempenho adequados ao processo de ensino;
 - Habilidade em trabalhar cooperativamente;
- Interesse em trabalhar com crianças e em função de suas necessidades (2003, 14).

As habilidades citadas acima, já fazem parte do currículo do professor que almeja o desenvolvimento do seu aluno nos diversos aspectos: Nós, enquanto professores, não podemos esperar pelos cursos de formação, porque em muitos casos, o que é abordado nesses cursos, pouca interessa para a formação do professor e automaticamente para a formação dos alunos da EJA:

Os professores, sobretudo da EJA, já possuem essa consciência do fracasso da educação escolar. Mal remunerados e mal preparados, denunciam as discrepâncias existentes nos seus processos formativos, resistindo às políticas de formação docente que se concretizam em projetos fragmentados, não satisfazendo às exigências de desenvolvimento profissional dos professores (LUCK, 2003, p.62).

A má remuneração e a má preparação, a qual Luck (2003) se refere, se dá pelo fato da desvalorização do magistério. Na visão de quem administra o Sistema Educacional, é de praxe transferir os conhecimentos para pessoas que ilusoriamente detém o saber. Vejo o curso de formação para professores, como um momento de discussão e trocas de experiências e:

Entendo a formação como um processo contextualizado que se constrói nas trajetórias da escolarização, nas vivências, nas trocas de experiências ao longo da vida que nos torna um constante aprendiz, em permanente transformação e em construção de nossa identidade e subjetividade. Tal concepção faz com que eu acredite que se deva superar o conceito de formação baseado no prisma da racionalidade técnica a qual era entendida como um repasse, uma transferência de conhecimentos ou simples preparação do docente para desempenhar determinadas tarefas, geralmente planejadas

por técnicos ou especialistas em educação (BARCELOS, DANTAS, 2015, p.81).

Isso nos leva a refletir sobre a questão do fracasso escolar, não é à toa que essa questão é histórica (relembrando as campanhas e os projetos que não deram certos e os que foram reformulados), não nós referimos só a EJA, mais a educação como um todo porque na verdade quem elabora esses projetos possivelmente não tem a menor noção do que acontece em sala de aula, escola e comunidade na qual o aluno está inserido. O professor é um mero executor desses projetos que recebe como um pacote pronto.

Quando se discute sobre a formação do professor para trabalhar com educação de jovens e adultos, é interessante salientar que é algo de grande relevância, pois, em sua maioria são profissionais que têm criatividade e compromisso, mais, em alguns casos, existem educadores que não apresentam habilitação específica. No dia- a -dia, são muitas as demandas encontradas pelo professor na sala de aula:

A sala de aula, pode ser este lugar onde o pensamento se demora por um instante a fim de deglutir, ruminar e tomar coragem para rasgar experiências repetidas. É necessário fazer de tudo isso um campo de experimentação e explicitação da humanidade que nos habita, e levá-la ao seu limite máximo, criando novas configurações humanas. Habitando, hoje, um mundo marcado pela velocidade e por uma vertiginosa exposição de imagens, precisamos de um espaço comum entre os homens para nos relacionar. Só ocupando um lugar concreto no mundo é que podemos falar, ouvir, ver e ser vistos e, assim, produzir conexões que materializem invisibilidades, dando lugar ao inédito. Ao contrário, se perdermos o espaço público, perderemos também o contato com os outros e, conseqüentemente, um certo senso ético (FRANÇA, APUD, AQUINO 1998, p.143).

E qual o papel da escola que é de suma importância no desenvolvimento e valorizado desse aluno? A instituição escolar é um espaço aberto para que a prática dos diversos tipos de ações seja desenvolvida, aprimorada e aplicada nas suas diversas concepções. Dentro das funções que a escola exerce, está a de integrar e socializar os seus membros no contexto onde estão inseridos:

Além disso, escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. Em outras palavras, escola é, por excelência, a instituição da alteridade do estranhamento e da mestiçagem – marcas indelévels da medida de transformabilidade da condição humana (AQUINO, 1998, p.138).

A escola é uma instituição que tem como missão formar seres capazes de promover a sua própria mudança, transmitindo conhecimento até então não adquiridos, despertando o indivíduo para a construção de um pensamento, de um comportamento, de um posicionamento, perante um dos problemas crônicos sociais que é a dificuldade dos relacionamentos humanos, sendo assim:

O espaço escolar é o lugar em que os sujeitos se expressam e vivem os seus problemas concretos e onde são articuladas as respostas pertinentes, que condicionam as ações que promovem a participação sociocultural (OLIVEIRA, 2015, p.56)¹⁶.

É na escola, ou através dela, que o aluno encontra um espaço aberto para que a prática dos diversos tipos de ações seja desenvolvida, aprimorada e aplicada nas suas diversas concepções, sejam elas positivas ou negativas:

Todos parecem concordar que, na chamada sociedade do conhecimento, a escolarização tem um valor inquestionável, já que é capaz de proporcionar ao indivíduo experiências e informações de sua cultura, Nessa ótica a escola é vista como tendo uma função social porque compartilha com as famílias a educação das crianças e jovens ; uma função política, pois contribui para a formação de cidadãos e uma função pedagógica, na medida em que é o local privilegiado para a transmissão e construção de um conjunto de conhecimentos relevantes e de formas de operar intelectualmente segundo padrões deste contexto social e cultural (REGO, 2003, p.16).

Dentro das funções que a escola exerce, está a de integrar e socializar os seus educandos no contexto social onde estão inseridos, permitindo através desse acolhimento um olhar crítico, diante da realidade vivenciada em relação ao que é obrigação e dever do poder público executar e que muitas vezes não é cobrado pelo cidadão por não ter essa consciência política em relação aos seus direitos.

Perceber também, que só através do conhecimento, da educação que é uma porta que se abre para a resolução dos problemas, a possibilidade de se tornar possível a transformação da realidade vivida por cada membro que compõe a sociedade, pois:

Na roda-viva do dia a dia, o que mais se ouve é que os alunos apresentam uma série quase incontável de “dificuldades”, que eles não têm “condições” de frequentar determinada série ou mesmo determinada escola, que lhes faltam “requisitos” mínimos para o trabalho escolar, que suas “carências” (ora cognitivas, ora morais, ora sociais) são de certa forma intransponíveis; enfim, que o perfil e os hábitos da clientela não são compatíveis com os de uma instituição clássica como a escola (AQUINO, 1998, p.142).

¹⁶ É possível encontrar essa obra, no livro Políticas e Práticas na Educação de Jovens e Adultos, que já consta nas referências. Os organizadores desse livro são: Valdo Barcelos e Tânia Regina Dantas.

O que muitos educadores buscam é construir uma escola de qualidade que atenda às necessidades e os anseios principalmente das classes populares, pois esta é a mais prejudicada pelas desigualdades sociais. Uma escola que inclua e não exclua, pois, para Capucho (2012, p.71) “o debate em torno de uma educação inclusiva favorece para que a escola seja compreendida em seu potencial democrático, como espaço de participação e aprendizagem”. O autor ainda aborda sobre esse conceito a seguinte análise:

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade social da promoção de uma educação inclusiva, sem a qual não faz sentido falar em educação de qualidade, o que torna urgente a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas tornarem-se presentes nas salas de aula da [...]Na Educação de Jovens e Adultos, a realidade vivencial dos sujeitos é conteúdo de lócus da prática pedagógica, sendo fundamental atentar para os fatores que a diferenciam da escolarização regular, bem como para o fato de que esses(as) estudantes chegam aos espaços educacionais com conhecimentos, crenças, valores, preconceitos e bloqueios culturais acumulados ao longo de sua história (Ibid.,116).

Fundamentada na colocação de Capucho, o espaço escolar é o Lócus (local) onde as práticas pedagógicas são desenvolvidas e aperfeiçoadas. Para tanto, deve-se explorar os diversos ambientes como sala de aula, biblioteca, pátio. Promover atividades extraclasse, que permitam ao aluno conhecer outros ambientes fora da escola como teatro, cinema e passeios turísticos. Está prática de ensino é uma promoção social pois permite que o aluno faça parte do processo de inclusão:

Estamos no século XXI, com a presença maciça dos meios de comunicação. Paradoxalmente, no Brasil, deparamo-nos ainda com um contingente significativo de jovens e adultos que foram aliados do mundo letrado ou nem sequer penetraram nele, e que dele necessitam para a sobrevivência, principalmente nas grandes cidades. Os motivos são vários, mas três são os principais: precisam de trabalho para garantir sua subsistência e a de sua família, precisam conciliar trabalho e estudo e a escola regular os excluí. Os dois primeiros decorrem de determinantes das políticas públicas sociais, mas o terceiro é responsabilidade da escola (ALMEIDA, 2012, p. 11).

Nesse sentido e em relação ao que foi exposto acima, cabe a escola enquanto espaço de convivência, acolhimento e desenvolvimento do educando, aluno da EJA- Educação de Jovens e Adultos e ao professor, através do Projeto Político Pedagógico construir um planejamento que seja acessível ao aluno, onde contemple ações que possam ser desenvolvidas, valorizando o conhecimento do estudante (leitura de mundo), desmistificando crenças e preconceitos, superando as barreiras impostas pela sociedade.

CAPÍTULO II - ENSINO - APRENDIZAGEM: EJA NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1-Relação professor, aluno e a afetividade na EJA

Neste capítulo, queremos abordar questões de grande importância para o processo ensino - aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: a primeira questão é sobre a relação professor, aluno e a afetividade. Nesse capítulo pretendemos analisar como o cognitivo, o afetivo e o motor estão interligados e como podem contribuir para o processo de formação e desenvolvimento do educando.

A respeito das dimensões cognitivas, afetivas, e motoras, a psicologia do desenvolvimento nos diz que:

Documentos legais vigentes, tais como a Constituição Federal de 1988, e textos especializados sobre a educação de jovens e adultos referem-se à garantia de “ensino fundamental, obrigatório e gratuito para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Já a psicologia do desenvolvimento, com base em estudos teóricos e empíricos, tem mostrado que não existe “idade apropriada” para aprender: a aprendizagem ocorre em qualquer idade, e a aprendizagem ao longo da vida é hoje tema recorrente na literatura educacional, não só para participação profissional mais produtiva como para desenvolvimento pessoal. [...] No entanto, é fundamental, ao se pensar em ensino de qualidade para jovens e adultos que procuram a escola, lembrar-se de que necessitam de um ensino que não seja a reprodução do regular e reconhecer que essa população pode ter necessidades de aprendizagem diversas daqueles que frequentam a escola “no tempo certo”. São necessidades a ser atendidas não só na dimensão cognitiva, mas também, na afetiva; o processo ensino-aprendizagem precisa atender às demandas cognitivo-afetivas dessa parcela significativa que busca escola ávida de estar nela para aprender e conviver, com receios e inseguranças, em decorrência, via de regra, de fracassos e prejuízos acumulados, mas também com os saberes acumulados pelas muitas experiências que já vivenciaram e que devem ser valorizadas e aproveitadas no contexto escolar (ALMEIDA, 2012, p.13).

Nesse sentido, concordo com o que Almeida (2012) ilustra a respeito de um ensino que não seja a reprodução do regular, pois, as atividades realizadas com os alunos da Educação de Jovens e Adultos é algo diferenciado, que foge do tradicional. O professor, deve ter um olhar criterioso em relação ao processo de desenvolvimento de cada um, analisando os vários aspectos, pois, cada aluno tem a sua forma de aprender. E nesse processo de aprendizagem, há uma troca de conhecimento, o professor ensina e também aprende, pois, os estudantes trazem

em sua bagagem, relatos de experiências vividas, que em alguns casos deram certo e que em outros casos não deram certo, sendo assim:

Em todo processo de desenvolvimento da criança, do jovem, do adulto, do idoso, o papel do meio social é fundamental, é porque a existência de cada um está mergulhada na cultura de seu tempo, o desenvolvimento não é um processo linear, mas um processo em aberto: a cada nova exigência do meio, que está em constante modificação, novas possibilidades orgânicas poder ser ativadas ou reprimidas. O meio social regula a existência e as atividades dos indivíduos (ALMEIDA, 2012, p.14).

Esse processo de desenvolvimento da criança, do jovem, do adulto, do idoso ao qual a autora acima se refere, está vinculado ao meio social, e, é através da convivência em sociedade que o sujeito adquire novas aprendizagens, pois, cada elemento que compõe a sociedade tem algo a cooperar na formação do outro.

As contribuições deixadas por Henri Wallon¹⁷, nos mostra que, a aprendizagem não só da criança, como também do adulto, está relacionada com a afetividade, pois, a afetividade que é desenvolvida no contexto escolar, facilita o processo de aprendizagem, e fortalece as relações entre docentes e discentes.

Um professor que busca construir com seus alunos, uma relação de parceria, colabora de forma benéfica para que a aprendizagem desse aluno se consolide. O contrário também pode ocorrer. Se o professor ou o aluno não conseguem estabelecer essa parceria, é óbvio que o processo de ensino-aprendizagem se tornará difícil de acontecer, e tudo isso, tem a ver com a aprendizagem motivada pela afetividade.

É comum, como professora da EJA, perceber através das colocações dos alunos o quanto as questões emocionais interferiram em muitos momentos de sua vida, no que se refere a descontinuidade nos estudos, naquele passado escolar descuidado. E o quanto continuam interferindo atualmente, para que aquele indivíduo possa dar continuidade aos seus estudos, porque é visível a luta que eles travam para se manter na escola, são muitos empecilhos, e um deles é o desafio de trabalhar durante todo o dia, muitas vezes em trabalhos árduos, e terem que frequentar a escola à noite.

A expressão do cansaço e do desânimo muitas vezes marcam os seus rostos, mas, mesmo assim, eles estão na escola todos os dias, porque:

¹⁷ É possível encontrar essa obra no site: <https://escolaeducacao.com.br/henri-wallon/>

A escola é um dos meios onde podem transitar os indivíduos. Seu objetivo é proporcionar interações sociais tais que possibilitem a atualização das potencialidades dos alunos como indivíduos e como grupos para atuar na sociedade (ALMEIDA, 2012, p. 16).

A escola exerce um papel fundamental na socialização dos educandos, que em alguns casos se quer penetraram nela, mas precisam dela para se manter, pois, necessitam trabalhar para prover o seu sustento, como também, prover o sustento da sua família. E o que dizer a respeito da sala de aula?

A sala de aula pode ser este lugar onde o pensamento se demora por um instante a fim de deglutir, ruminar e tomar coragem para rasgar experiências repetidas. É necessário fazer de tudo isso um campo de experimentação e explicitação da humanidade que nos habita, e levá-la ao seu limite máximo, criando novas configurações humanas. Habitando, hoje, um mundo marcado pela velocidade e por uma vertiginosa exposição de imagens, precisamos de um espaço comum entre os homens para nos relacionar. Só ocupando um lugar concreto no mundo é que podemos falar, ouvir, ver e ser vistos e, assim produzir conexões que materializem invisibilidades, dando lugar ao inédito. Ao contrário, se perdermos o espaço público, perderemos também o contato com os outros e, conseqüentemente, um certo senso ético (FRANÇA apud AQUINO, 1998, p.143).

Baseado na colocação do autor, a minha visão em relação à sala de aula, pode ser assim definida, como o local onde são criadas diversas possibilidades, pois, é um campo realmente de experimentação, onde se constrói e desconstrói pré-conceitos. O pré-conceito nada mais é do que conceitos, opiniões, sentimentos concebidos sem o devido conhecimento, seja ele no campo racial, social, cultural, religioso, linguístico e de gênero e que ao longo dos anos esses jovens/adultos aprenderam a conviver, tendo-os como verdade absoluta. Na concepção de Aquino “o preconceito é a instituição da lei social não refletida. A prática revela um ideário presente no imaginário social, o que revela também a sociedade tal como ela busca se constituir” (1998, p.124).

Fundamentada no pensamento do autor acima, posso dizer que a lei social não é aplicada, ou seja, a própria sociedade exclui à medida que alimenta o preconceito, porque na verdade, pouco se tem feito em relação a educação de jovens/adultos. Não há investimentos significativos que possam aprimorar o processo de ensino – aprendizagem desses educandos. Nesse contexto:

[...] Por que tanta dificuldade de ver os educandos e os próprios educadores como trabalhadores? No pensamento escolar é mais frequente vê-los como carentes e prometer que, se dominarem a leitura, saíam da pobreza. Alunos pobres na escola pública e na EJA como seu lugar. É menos exigente para um projeto radical de sua educação vê-los como carentes a suprir suas carências de habilidades escolares do que reconhecê-los trabalhadores e articular um projeto de educação com a radicalidade de

suas experiências de trabalho. Quando o ponto de partida é reconhecê-los como trabalhadores, a proposta de garantir seu direito à educação é obrigada a ter como referência os trabalhos de que sobrevivem, se trabalham em trabalhos precarizados, se têm dificuldade de articular tempos de trabalho-sobrevivência e tempos de escola. Se são os injustiçados da ordem social, econômica e até escolar como trabalhadores (ARROYO, 2017, p.44-45).

Na verdade, não existe um projeto voltado para as reais necessidades do aluno da EJA, um projeto que veja o sujeito com um aluno trabalhador. Não há investimentos, como uma formação para atuar no mercado de trabalho, ou seja, a profissionalização dessas pessoas (cursos profissionalizantes), pois, “a aprendizagem do adulto resulta da interação entre adultos, quando experiências são interpretadas habilidades e conhecimentos são adquiridos e ações são desencadeadas” (CORREIA, 2006, p.17)¹⁸.

Aprender a ler e a escrever é insuficiente, sendo necessário uma formação mais específica para que possam atuar no mercado de trabalho que a cada dia se torna mais exigente. E nesse exercício de desconstrução e construção há o exercício da paciência, da tolerância e do amadurecimento, para que sejam incorporadas na maneira de pensar desses jovens/adultos, elementos que viabilizem o desenvolvimento de um novo pensamento, de uma nova linguagem e de uma nova aprendizagem.

É comum ouvirmos e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos no Artigo 1º que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Uma pergunta me inquieta e quero deixar aqui para reflexão: cadê a igualdade de dignidade e de direitos dispensados aos jovens/adultos para o fortalecimento do processo ensino-aprendizagem?

Através dos relatos de experiência que é comum ouvir dos alunos em sala de aula, sinto uma certa carga de emoção e em muitos casos de tristeza por não terem conseguido ou em alguns casos, impedidos de não terem concluído o ensino na “idade certa.” É aí, que o professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, contribui através da escuta sensível que pode assim ser definida

¹⁸ É possível encontrar essa obra, no livro Aprendizagem do adulto professor, que já consta nas referências. As organizadoras desse livro são: Vera Lúcia Trevisan de Souza e Vera Maria Nigro de Souza Placco.

como o saber ouvir o outro, sem julgamentos, sem comparação, mas compreendendo o que o outro quer dizer, pois:

Atuar como professor da EJA é uma das funções que o educador pode exercer. Trata-se de um trabalho diferente do trabalho no ensino regular porque, basicamente, se ensinam jovens e adultos que geralmente têm vivências marcadas pelo sofrimento. [...] Para esse tipo de educação, é necessário um preparo profissional específico. O fato de o docente muitas vezes não possuir esse preparo e, principalmente, atuar pela primeira vez com esses educandos representa uma situação provocadora de emoções e sentimentos, visto que muitos componentes ali envolvidos constituirão uma novidade para ele e ainda terá de lidar com isso para poder desenvolver as atividades escolares (MOLLICA, 2012, p.61)¹⁹.

A afetividade da qual a autora pensa, está relacionada com a convivência diária e diferenciada que existe entre o professor e o aluno. É da condição daquele ser humano ser entendido e trabalhado dentro das suas limitações, dentro do seu entendimento “[...] a afetividade é um conjunto de funções psíquicas que, ligado a outros conjuntos, o cognitivo e o motor, constitui a pessoa” (ALMEIDA, 2012, p.14). Esses conjuntos de funções psíquicas ligados ao cognitivo, ao afetivo e ao motor são responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão.

2.2 O que é ensinar? E o que é aprender

A segunda questão que trago é uma reflexão acerca do que é “Ensinar” e do que é “Aprender”? Ensinar para a educação de jovens e adultos vai muito além da transmissão do conhecimento, ou seja, do trabalho em si com os conteúdos que fazem parte da disciplina. Dentro desse processo de ensino, são envolvidos muitos elementos que não se restringem só aos conteúdos, mais também as necessidades emocionais, sociais, físicas e históricas. Baseado nesse entendimento é:

A partir da Constituição de 1988 e da LDB de 1996, a escolarização de jovens e adultos configura-se como campo de ensino e pesquisa. Contemplada na legislação como direito, essa escolarização passa a apontar a necessidade de investigação e construção de alternativas para as demandas do ensino relacionadas à especificidade desse público, tais como a formação de educadores de jovens e adultos, a organização de um currículo apropriado, a produção de material didático adequado e a elaboração de estratégias de ensino diferenciadas. [...] Pode parecer estranho que consideremos recente a problemática que estamos tratando, tendo em vista que as contribuições de Paulo Freire datam de, pelo menos, quatro décadas. De fato, o pensamento de Freire consolidou uma concepção de educação de jovens e adultos que recuperava e valorizava os saberes dos educandos enquanto sujeitos sociais produtores de cultura. Além disso, ele elabora um método, materiais e estratégias para a

¹⁹ É possível encontrar essa obra, no livro Afetividade, Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos, que já consta nas referências. A organizadora desse livro é Laurinda Ramalho de Almeida.

alfabetização de jovens e adultos no âmbito da educação popular. Frisamos que essa valorização da cultura e noções prévias do aluno é uma herança reconhecida e já incorporada nas práticas escolares e no discurso da EJA. Entretanto, temos que observar que as contribuições de Freire se voltam para a educação enquanto formação humana. A escolarização é apenas uma parte desse projeto. E a nova questão que se coloca é a continuidade da escolarização para esse público nos níveis fundamental e médio (ALMEIDA, 2012, p. 14).

A autora versa sobre a necessidade de investigação e de construção de alternativas, atendendo a especificidade de cada um, sendo que essa questão me leva a pensar no planejamento escolar. Em sala de aula encontramos diversos tipos de alunos, cada um com questões específicas no que diz respeito a aprendizagem, podendo ser classificado tomando como exemplo a questão da leitura dos alunos.

A leitura na turma em que leciono, apresenta-se na minha visão em três níveis: 1º nível-alunos que leem, 2º nível-alunos que apresentam dificuldades na leitura e 3º nível-alunos que não leem, sendo assim, busco construir um planejamento que contemple a todos. Desta forma, todos serão acolhidos dentro da sua especificidade.

E o que é aprender? É a habilidade de adquirir um determinado conhecimento. Digo isso me referindo aos seres humanos, porque são seres capazes e dotados de inteligência, precisando em alguns casos só de estímulo e motivação para que o seu processo de aprendizagem seja firmado.

A aprendizagem pode acontecer de diversas formas. Aprendemos com o outro (amigos), com o meio ao qual estamos inseridos, na escola com o professor, na família e com as nossas próprias experiências de vida. E assim, vamos aprendendo por toda vida, pois, a aprendizagem é algo contínuo e constante:

Para que se possa haver aprendizagem é necessário que haja todo um processo de assimilação onde o aluno com a orientação do professor passa a compreender, refletir e aplicar os conhecimentos que foram obtidos, assim à aprendizagem é observada com a colocação em prática por parte do aluno dos conhecimentos que foram transmitidos durante uma aula ou atividade. [...] Para que se possa haver aprendizagem é preciso um processo de assimilação ativa que para ser efetivo necessita de atividades práticas em várias modalidades e exercícios; nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades²⁰.

Para que haja a aprendizagem é necessário também que o aluno se pré-disponha a aprender, sendo que de nada vale o professor ensinar se o aluno não

²⁰É possível encontrar essa obra no site https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA8_ID857_29082016143835.pdf

quer aprender. Na sala de aula tanto o professor, quanto o aluno, tem um papel para ser executado.

2.3- Profissionais que trabalham na educação de jovens e adultos

E nesse processo de ensinar e aprender existe um outro ponto interessante para ser abordado e está ligado às pessoas que trabalham na educação e que também fazem parte desse processo ensino-aprendizagem como diretor, o coordenador, e o corpo técnico administrativo. Creio que esses sujeitos estão diretamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem, pois, estão envolvidos no dia-a-dia, nas atividades promovidas pela escola, na construção de ações conjuntas no sentido melhor atender ao aluno da Educação de Jovens e Adultos.

Ao diretor compete administrar, supervisionar, orientar, coordenar, articulando, unindo o corpo docente, o corpo discente, o técnico administrativo, funcionários e a comunidade em torno de um bem comum que é a educação, organizando tanto às atividades pedagógicas, como os serviços administrativos.

E por último, controlar, fiscalizar para que no final se consiga um trabalho de qualidade “devido à sua posição central na escola, o desempenho de seu papel exerce forte influência (tanto positiva, como negativa) sobre todos os setores e pessoas da escola” (LUCK, 1979, p.16). Cabe a ele dinamizar as ações que na escola se desenvolvem, incentivando os profissionais que com ele trabalham, na expectativa de que a construção do aprendizado realmente aconteça, além disso:

É do diretor da escola a responsabilidade máxima quanto à consecução eficaz da política educacional do sistema e desenvolvimento pleno dos objetivos educacionais, organizando, dinamizando, e coordenando todos os esforços nesse sentido, e controlando todos os recursos para tal. [...] Devido à sua posição central na escola, o desempenho de seu papel exerce forte influência (tanto positiva, como negativa) sobre todos os setores e pessoas da escola. É do seu desempenho e de sua habilidade em influenciar o ambiente que depende, em grande parte, a qualidade do ambiente e clima escolar, o desempenho do seu papel e a qualidade do processo ensino-aprendizagem. [...] A fim de desincumbir-se do seu papel, o diretor assume uma série de funções, tanto de natureza administrativa, quanto pedagógica (LUCK, 1979, p.16).

Analisando a colocação da autora, entendo que ao diretor compete liderar a sua equipe de trabalho, com eficiência, pois, antes de ser um planejador o diretor deve ser um coordenador, um facilitador do processo educativo que envolve o ensinar e o aprender, assim como, a atenção do diretor se volta também para o

professor, com o supervisor acontece da mesma forma, pois, o papel do Supervisor é o de dar assistência direta ao professor no processo ensino-aprendizagem, contribuindo com ideias que possam vir a enriquecer e inovar as atividades desenvolvidas em sala de aula como também, incentivá-lo no sentido de melhorar a sua autoestima e com isso realizar um bom trabalho.

A base de um bom trabalho consiste em ter um acompanhamento onde a comunicação entre o professor, o coordenador e o supervisor possa fluir para ter-se êxito no processo de ensino aprendizagem e torná-lo mais dinâmico, “embora assumindo uma ação voltada para o professor, nem sempre a ação do supervisor escolar preocupou-se com a melhoria do seu desempenho” (Ibid., p.20).

É interessante que o supervisor esteja em sintonia com o orientador para que se construa um trabalho de qualidade, sendo que:

O papel do supervisor escolar se constitui, em última análise, na somatória de esforços e ações desencadeados com o sentido de promover a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Esse esforço voltou-se constantemente ao professor, num processo de assistência aos mesmos e coordenação de sua ação. [...] O processo de assistência e coordenação recebeu enfoques variados durante a história da supervisão escolar, como por exemplo a melhoria: dos materiais de instrução; dos métodos, técnicas e procedimentos do ensino; dos programas curriculares; do processo de avaliação dos alunos; da descrição de objetivos educacionais; do processo de recuperação dos alunos; do desempenho do professor. Embora assumindo uma ação voltada ao professor nem sempre a ação do supervisor escolar preocupou-se com a melhoria do seu desempenho. A preocupação pela melhoria do processo ensino-aprendizagem traduziu-se, via de regra, no esforço de analisar algum aspecto desse processo (qualquer um dos anteriormente apontados, com exceção do desempenho do professor), organizá-lo, inová-lo, realimentá-lo e entregá-lo ao professor para que o mesmo o aplicasse. E nisso se constituía assistência ao professor. Mais recentemente, a supervisão escolar ganhou uma nova dimensão, mas dinâmica e com maior potencial de eficácia a longo prazo: a melhoria do desempenho do professor, isto é, o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes dos mesmos em relação ao processo ensino-aprendizagem. Os aspectos de materiais de instrução, métodos, técnicas, etc., passam a ser meios ou aspectos desses desenvolvimentos (LUCK, 2003, p.20-21).

O supervisor escolar, como a própria autora coloca entre outras funções, é responsável em promover o processo ensino-aprendizagem, mas a sua função, dentro do meu conhecimento, da minha percepção e da minha vivência, nunca estiveram diretamente ligados ao professor e nem ao educando e sim a serviço das Secretarias de Educação (Municipal e Estadual), fiscalizando às escolas no sentido de dar suporte no processo ensino-aprendizagem, na atualidade, o coordenador

pedagógico é o responsável por essa função, se constituindo em um elo que afina as ações na escola.

O orientador, por sua vez é encarregado de resolver assuntos que dizem respeito tanto ao professor, quanto ao aluno. No passado era visto como um psicólogo, aquela pessoa que estava na escola, no seu departamento, denominado SOE (Serviço de Orientação Educacional), para atender as demandas dos educandos que não se enquadravam no perfil da instituição de ensino. A ele cabia em consonância com a gestão e com os professores, buscar soluções para a resolução dos problemas apresentados.

Hoje, a função do orientador, é dá apoio pedagógico ao professor e acompanhar o educando no espaço escolar, não percebo mais o comprometimento de antes em vista disso, o mesmo faz “levantamento de dados (sondagem de aptidões), realiza sessões de orientação e de aconselhamento e desempenha uma série de funções de maior ou menor importância, relacionadas com a concepção do atendimento ao educando” (LUCK, 1979, p.23).

Em relação aos professores, o orientador pedagógico atua como um parceiro na busca de compreender as necessidades dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles:

Tradicionalmente, o orientador educacional tem sido visto e tem-se visto como um profissional, cujo papel principal é atuar com os educandos. Assim é que a orientação educacional é definida como “um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno, na escola, a tomar consciência de seus valores e dificuldades, concretizando, principalmente através do estudo, sua realização em todas as suas estruturas e em todos os planos de vida” (SCHIMIDT e PEREIRA, apud LUCK, 1969, p.71).

O Orientador educacional no exercício de sua função, procura trabalhar com o aluno, fazendo as devidas mediações por conta das demandas existentes no espaço escolar. No caso da EJA, não tenho registros da atuação desse profissional, porque antes eram profissionais que exerciam cada um à sua função. Hoje, na pessoa do coordenador centra-se as funções do supervisor e do orientador e em alguns casos, o coordenador também é envolvido pelas funções da gestão e pelas funções administrativas.

Assim, como o corpo docente está voltado para as resoluções no processo de ensino-aprendizagem, o corpo Técnico-Administrativo, também deve estar voltada para as necessidades dos diversos seguimentos da escola, auxiliando, orientando, nas questões que a ele compete:

A ação do corpo técnico-administrativo deve ser não só integrada, mas também integradora. Para tanto, deve pautar-se por atitudes, direções e objetivos comuns, o que estabelecerá a coerência interna necessária para garantir a unidade preconizada (LUCK, 1979, p.32).

A equipe técnico-administrativa cria condições favoráveis para um bom atendimento ao corpo docente quando auxilia o professor em relação ao preenchimento de cadernetas, lançamentos de notas, digitação de atividades elaboradas pelo professor, como a própria autora coloca “uma ação integrada, mas também integradora”. A assistência aos educandos é de suma importância na prestação serviços como: conferência e emissão de documentos com responsabilidade como: atestados, e transferência.

E dando seguimento ao processo ensino-aprendizagem, uma outra questão que jugo ser importante discorrer, é sobre como a Secretaria Municipal de Educação de Salvador-Bahia, orienta aos professores da EJA-Educação de Jovens e Adultos quanto ao trabalho a ser realizado em sala de aula.

As disciplinas lecionadas pelos docentes são: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Sociais e da Natureza que corresponde a História, Geografia e Ciências. São utilizados indicadores da avaliação e referência pedagógica para o planejamento do professor (SABERES) que foram elaborados pela “equipe Técnica da CENAP/EJA em parceria com as CRE’S, professores de Escolas, Comissão de Alfabetização e o Grupo de Discussão EJA-GD”.

Os saberes estão distribuídos por disciplinas, onde os docentes os utilizam na elaboração do seu planejamento, sendo que cada disciplina apresenta um quantitativo de saberes, fica a critério do professor a escolha dos saberes e a definição do quantitativo para construção do planejamento bimestral.

Através da leitura e compreensão desses Saberes o professor pode extrair o conteúdo a ser trabalhado em sala e aula. Além de indicadores da aprendizagem, os saberes também são utilizados para a avaliação dos alunos no final do bimestre. Os Indicadores de Aprendizagem (SABERES) correspondentes ao EJA 1 TAP

(Tempo de Aprendizagem) I, II, III. No caso do EJA 1, encontra-se nesse endereço apenas para informação²¹.

Em conjunto com os professores da EJA, do Tempo de Aprendizagem I, II, III da Escola Municipal Padre José de Anchieta, analisamos e discutimos os saberes, e chegamos à conclusão de que não atendem especificamente, às necessidades dos alunos pertencentes a comunidade que trabalhamos.

Percebemos também, que os saberes estão ora abaixo, ora acima do entendimento dos estudantes, não correspondendo assim, ao tempo de aprendizagem indicados pela equipe técnica da CENAP/EJA em parceria com as CRE'S, professores de Escolas, Comissão de Alfabetização e o Grupo de Discussão EJA-GD". Dessa forma, trabalhamos fazendo adaptações para que o resultado seja o mais favorável possível.

²¹ É possível encontrar essa obra no site: <http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2016/03/EJA-I-TAP-I-1.pdf>

CAPÍTULO III - DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO SUJEITO DA EJA

3.1-Perfil do sujeito da EJA

Ao iniciar este capítulo, busco versar sobre o perfil do educando da EJA. Nesse momento de escrita, perpassam várias indagações a respeito desses educandos. Então, quem é esse sujeito que diariamente encontra-se na sala de aula à noite? São jovens ou adultos trabalhadores, dentro de uma faixa etária que varia de 15 a 70 anos, em muitos casos, oriundos da periferia que com muita dificuldade saem de suas casas para o trabalho, e que enfrentam no dia-a-dia pelo caminho, uma série de dificuldades.

Sobre essa situação que os sujeitos da EJA vivenciam, é interessante saber que:

No Brasil, a EJA, sempre foi destinada às camadas mais pobres da população constituída por jovens e adultos trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos. Nessa ordem de raciocínio a EJA, representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram domínio da escrita, como bens sociais na escola ou fora dela.²²

Esses trabalhadores sofridos e oprimidos, lutam para concluir a sua escolarização, e nessa dinâmica que envolve o percurso de casa para o trabalho e do trabalho para a EJA, é comum alguns chegarem no horário, outros atrasados e ainda tem àqueles que chegam já no final da aula só para dizer “Boa noite”, mas chegam, e assim, vai se constituindo o perfil da Educação de Jovens e Adultos.

Outra questão importante que vale ressaltar, são os comentários que diariamente ouço, sobre como as dificuldades encontradas no percurso de casa para o trabalho e do trabalho para a escola, impossibilita a continuidade dos estudos, uma vez que encontram pelo caminho, diversos tipos de violência (assaltos), porque saem muito cedo para o trabalho, e muitas vezes na madrugada.

Outros fatores que interferem na caminhada dos alunos da EJA são: o chegar a escola com fome após um dia cansativo e exaustivo de trabalho, dificuldades nas relações de amizade (dentro da sala de aula há muitas vezes estranhamento e

²² É possível encontrar essa obra no site:<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2124388>

conflitos), a falta de transporte, as chuvas no período de inverno, pois, para aqueles que apresentam mais idade, as incidências de doenças são maiores, exploração por parte dos patrões que em muitos casos não permitem que estudem, e dificultam a sua ida a escola, colocando-os para trabalhar à noite.

E o professor, por sua vez, tem que ter sensibilidade para perceber tudo que ocorre à sua volta e mediar esses conflitos, criando no momento oportuno, atividades de sensibilização e discussão, para que assim, os alunos possam se conhecerem e dessa forma, estabelecer um clima de amizade e parcerias, porque são sujeitos cheios de histórias e de significados, pois:

Para entender seus significados será necessário começar por vê-los como passageiros, continuando passagens iniciadas bem cedo, na infância. Mas de onde para onde? Por que e para que ou na espera de quê? Caminham pelo direito à educação (ARROYO, 2017, p.21).

A questão de se tornarem passageiros, é por conta de não terem tido a oportunidade de escolha, simplesmente passavam pela vida, iniciando, reiniciando sem terem condições de concluir os estudos. Uma infância marcada por incertezas, não tiveram se quer a oportunidade de escolha, são “sujeitos em itinerários pelo direito a uma vida justa e humana. Direito a ter saberes, portanto, é justo e digno viver por que lutam” (Ibid., p.17).

E é nessa luta constante que os educandos da EJA, sobrevivem. E nesse sentido, fazem-refazem o seu percurso em busca da tão sonhada escolarização, e como se não bastasse, chegam à tão sonhada escola e se deparam com tantos outros problemas como: a aversão a determinadas disciplinas, dificuldades em entender o conteúdo que está sendo exposto pelo professor, porque há alunos que estão ali pela primeira vez, ou seja não estudaram na infância.

Outro ponto que deve ser abordado, é a dificuldade que eles fazem em associar a fala com a escrita, nesse sentido:

A consciência da importância social da escrita é uma conquista relativamente recente das sociedades modernas, pois o acesso aos textos, guardados a sete chaves durante séculos nas bibliotecas conventuais, estava reservado a um grupo restrito de “ilustrados”. A difusão crescente das técnicas de impressão e a aceleração do processo de industrialização tornaram o domínio da escrita, particularmente na época contemporânea, cada vez mais importante em razão, sobretudo, da introdução de novas tecnologias no campo da produção e da universalização do voto político. Isso fez da alfabetização das crianças a função principal da escola primária e da alfabetização de jovens e adultos – esses remanescentes de uma população que mal conseguiu pisar na escola ou nela nunca pisou [...] (REIS, 2011, p.20).

Desta forma, uma boa parte dos alunos da EJA, não entendem que, em muitos casos, fala-se de um jeito e escreve-se de outro, essa questão no entendimento deles, passa despercebida, por não terem essa consciência da importância social da escrita.

E é dentro desse espaço, que envolve a leitura e a escrita e desse momento dedicado ao jovem/adulto, estudante do noturno, que o sujeito se desenvolve, se constrói e se auto afirma, e assim, constitui o seu perfil. E, em busca dessa autoafirmação, é que os:

Sujeitos que há anos pararam de estudar por diversos motivos, retornam à sala de aula, sendo por vontade própria, ou por “determinação” do mercado de trabalho turbulento dos tempos atuais. Cada sujeito teve um motivo próprio para parar de estudar, e possui um motivo tão próprio para retornar. Quando retornam, muitos têm muita dificuldade em acompanhar os conteúdos e, em diversos casos, acabam desistindo muito facilmente, sem, ao menos, tentarem entender o que lhes “bloqueia” o aprendizado.²³

Eles desistem, por um tempo, mais sempre retornam, e o importante é que esses jovens/adultos têm a consciência de que o mercado de trabalho, prioriza àqueles que persistem nos estudos. Esse é um dos motivos que os levam a retornar à sala de aula, pois, necessitam do saber para assim, poder caminhar na sua vida profissional e pessoal:

Esse saber não consiste só em buscar novas aprendizagens em relação aos conteúdos, mais, eles buscam também, novos relacionamentos ampliando assim, o ciclo de amizade. É visível que os alunos da EJA, necessitam de um olhar diferenciado, pois, são acometidos por uma série de questões que inviabilizam a sua permanência na escola, sendo assim:

Tal situação revela serem os direitos sociais declarados formalmente no plano das leis demandantes de justiça distributiva, por meio das quais critérios de igualdade material devem ser aplicados para assegurar sua concretização, pois não adianta alardear a universalização da educação se não há políticas que a garantam a todos(as), com qualidade social e condições de permanência e continuidade (CAPUCHO, 2012, p.25).

E, é nesse descaso por parte dos poderes públicos que se configura a educação brasileira e em especial a EJA. Outro fator importante no que diz respeito a EJA e que pode causar a descontinuidade nos estudos é a não existência ou existência precária de uma política que contemple os educandos:

²³É possível encontrar essa obra no site: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1285643/mod_resource/content/0/Aprendizagem%20jovens%20e%20adultos%201.pdf

Sem dúvida, a educação ser reconhecida enquanto direito no marco da lei estendeu à obrigação do Estado assegurá-la aos sujeito da EJA a Educação, assim, é direito de cidadania, mas também é meio de acesso à cidadania, tanto por ser uma possibilidade para participação social, política, econômica, como é um dos pressupostos da educação brasileira, assinalado pela LDB (BRASIL, MEC, 1996) como fim último da Educação Básica (Ibid., p.28).

O interessante é que a lei assegura a educação para os jovens e adultos, mas não há uma fiscalização junto aos órgãos competentes, no sentido de fazer com que a lei seja cumprida, dessa forma:

Toda a legislação possui atrás de si uma história do ponto de vista social. As disposições legais não são apenas um exercício dos legisladores. Estes, junto com o caráter próprio da representatividade parlamentar, expressam a multiplicidade das forças sociais. Nesse sentido, as leis podem fazer avançar ou não um estatuto que se dirija ao bem coletivo. A aplicabilidade das leis, por sua vez, depende do respeito, da adesão e da cobrança aos preceitos estabelecidos e, quando for o caso, dos recursos necessários para uma efetivação concreta.²⁴

Por sua vez, os órgãos competentes, acabam por burlar a lei, quando não cumprem com o que foi estabelecido, ou seja, não cria condições para que esse aluno permaneça na escola. Na prática, o que acontece é um processo de exclusão. No parágrafo 2º da Lei de Diretrizes e Bases, está escrito que “o poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.²⁵

Na verdade, não existe estímulo por parte do poder público, no sentido de fazer com que a permanência do aluno na escola seja garantida. O que é visível é ver escolas no bairro onde o aluno reside, serem fechadas, dificultando assim, a possibilidade desse aluno concluir os seus estudos.

Para que esse educando dê seguimento ao seu processo de escolarização, ele deverá deslocar-se para o bairro mais próximo. E o que o educador tem percebido nessas mudanças, é que, por encontrar dificuldades no deslocamento, porque é um deslocamento sem segurança, pois, as escolas indicadas situam-se em bairros distantes, é por isso que muitos alunos acabam por desistir, nesse sentido:

Transitar nos ônibus condensa a insegurança do atraso, de acidentes, de trânsito lento, carregado...São imagens familiares que os noticiários reafirmam sobre o transporte público suburbano e sobre o transporte escolar nas escolas do campo. Os ônibus condensam os conflitos, as

²⁴É possível encontrar essa obra no site: http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/legislacao_vigente_EJA.pdf

²⁵É possível encontrar essa obra no site: http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/legislacao_vigente_EJA.pdf

ensões, as precariedades do viver de sus trabalhadores. São suas vítimas: os periféricos da sociedade. Ao chegarem às escolas e a EJA vítimas desses atrasos, dessas inseguranças, serão reconhecidos vítimas ou culpados? encontrarão o portão fechado? Encontrarão espaços-tempos e interesse dos docentes e dos gestores para ouvir esses tensos percursos? Entender o que esses itinerários revelam sobre sua condição de trabalhadores das periferias e dos campos? Entender e trabalhar que os valores, culturas e resistências revelam nesses teimosos itinerários dos periféricos por trabalho, por terra, por terra, por teto, por educação? (CAPUCHO, 2012, p.34).

Fundamentada nesses questionamentos, que nos remete a pensar sobre a situação que nossos jovens/adultos, sejam eles, do campo ou da cidade, são expostos, e que fazem parte da rotina desses estudantes, e na minha experiência como professora da EJA, percebo que essas demandas vão além do que se possa imaginar. São sujeitos e sujeitos, cada um com sua particularidade, que gira em torno de desafios encontrados ao longo da caminhada em busca de uma escolarização. É evidente que são:

Sujeitos-jovens-adultos trabalhadores interrogando-se pelos significados de seus itinerários desde crianças-adolescentes da sobrevivência, do trabalho para as escolas, para a EJA, à procura do seu direito a uma vida justa. Humana (ARROYO, 2017, p.7).

E nessa busca por uma vida humana e digna, porque são sujeitos de direitos, mas também de deveres é que se concretiza a resistência, a luta dos jovens-adultos por justiça e igualdade, com o objetivo de obter um lugar na sociedade:

Reconhecer no jovem-adulto as marcas de sofrimento, abandono, rejeição, e lutar para que sejam incluídos, faz parte do papel que o professor também desempenha nessa parceria, pois também são [...] sujeitos professores, trabalhadores na educação, em lutas por direitos, a exigir, reinventar artes, pedagogias, conhecimentos, currículos de sua formação inicial e continuada (ARROYO, 2017, p.7).

Muitas vezes, as situações se repetem, assim como, o professor, que um dia também foi estudante de um curso noturno, e que passou por dificuldades semelhantes ou até mesmo iguais a dos seus alunos, é que a história se legitima, e não tem como ser insensível as vivências que são partilhadas em sala de aula.

Para os Jovens/Adultos, que trabalham durante o dia, a única alternativa que eles encontram, é estudar à noite. Dessa jeito, podem frequentar uma escola segura, que vai lhe permitir concluir a escolarização em um tempo bem mais rápido do que se estivessem estudando no diurno, pois, estudam duas séries simultaneamente ou seja, há uma redução na carga horária do curso, permitindo assim, que os jovens/adultos concluam seus estudos em um tempo menor. Assim,

eles podem recuperar o tempo que ficou fora da escola, sem esquecer que há uma preocupação muito grande no sentido de estarem preparados para o mercado de trabalho, ou dar seguimento aos estudos visando adentrar na faculdade.

Já para os mais idosos, a escola noturna apresenta um outro sentido, ou seja, é uma escola com um perfil diferenciado, eles querem estar em um espaço que representa a valorização do conhecimento prévio que eles trazem, se sentem felizes com a atenção que o professor demonstra ter por eles. Outro fator importante é a dinâmica de sala de aula, na qual se sentem à vontade para falar sobre si. Muitas vezes esses Jovens/Adultos e idosos buscam o que não encontram em casa, atenção, acolhida, que a escola noturna oferece, esse diferencial se reflete, ao vê-los felizes nas atividades extraclasse, como visita a teatros, cinema e passeios.

3.2 Marcas que impedem o avanço no campo pessoal e profissional do sujeito da EJA.

As marcas positivas ou negativas que um sujeito carrega consigo, são preponderantes para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. E com o aluno da EJA não é diferente:

O trabalho, por exemplo, tem papel fundamental na vida desses alunos, particularmente, por sua condição social, e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogos, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos [...] Cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com seus valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos.²⁶

Muitos desses jovens e adultos precisam trabalhar para assim, prover o sustento da família. O trabalho significa uma marca positiva. A marca negativa é a falta de trabalho. E a falta de trabalho pode ocasionar uma série de questões que vão mexer com a autoestima desse sujeito, e como consequência um abalo emocional.

E a escola, é uma forma de preencher essa lacuna na vida dessas pessoas, que buscam melhorar de vida, porque é sabido que a educação liberta e transforma, então:

²⁶ É possível encontrar essa obra no site: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2124388>

Ao escolherem o caminho da escola, esses alunos optam por uma vida propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal e levantar sua autoestima, mesmo dentro da vida cotidiana na sua vivência social, familiar e profissional. Suas visões de mundo estão mais relacionadas ao “ver” e ao “fazer”, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas. Essa atitude de “maravilhamento” com o conhecimento, é extremamente positiva e precisa ser cultivada e valorizada pelo professor, porque representa a “porta” de entrada para exercitar o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim construir um outro tipo de saber: o conhecimento científico.²⁷

E essa valorização, esse reconhecimento por parte do professor, em relação ao desempenho de seu aluno, irá fortalecer os laços de confiança, afetividade, a autoestima, já que muitos deles apresentam baixo estima que é demonstrada através de sentimento de insegurança, negatividade, ao desenvolver uma determinada atividade, ou mesmo quando se expressam, é notório a insatisfação pessoal, nesse processo de constituição do ser, é importante para eles que:

A descoberta do acolhimento, do ser acolhido, de ter direito a si mesmo sem ser rejeitado, sem ter medo de sê-lo. A possibilidade de falar e expressar seu sentir, seja dor, alegria daquilo que o aflige no cotidiano: família, casa, emprego, rua. Aquilo que o aflige em si mesmo. Mas tendo alguém para partilhar e compartilhar. Ouvir. Acolher. Dar atenção. Contar sua história e trajetória. Rir de si mesmo. Rir com o outro. Brincar consigo e com o outro. Ser. Dar oportunidades ao outro de rir com seus “causos”, coisas, histórias trágicas e alegres. Enfim, um mundo de cultura, historicamente produzida e acumulada [...] (REIS, 2011, p.72).

Em muitos casos não estão satisfeitos com o que são, e isso faz com que não se sintam à vontade para acolher-se, acolher o outro, participarem das discussões em sala, sentem medo, então:

A possibilidade de uma escola e alfabetização de jovens e adultos como locus de aprendizagem com prazer ou do prazer de aprender com o outro ou com os outros. Ou ainda o prazer de ensinar e aprender com o outro na alfabetização. Enfim, o prazer de amar e ser amado. Ser solidário e receber solidariedade. Constituir-se e constituir o outro na e com a relação social vivida no cotidiano. [...] Esses possíveis acontecimentos, essas diferentes coisas que nem sempre são encontradas pelo ser humano em sua rotina do dia a dia, podem transformar o mundo e o sentido de vida que cada pessoa traz dentro de si, considerando a singularidade e a contradição das relações sociais em que cada pessoa está inserida. [...] Nesse processo é possível, com o tempo, de cabeça baixa tornar-se cabeça erguida. O olhar triste e para baixo passar a um olhar alegre e para cima. A indiferença torna-se reconhecimento do outro. O rosto carregado e triste transmuta em rosto alegre, expressando prazer de viver e estar na vida (Ibid., 2011, p.72).

²⁷ É possível encontrar essa obra no site: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2124388>

Através dessa base que é construída entre os jovens e adultos, firmada na experiência dos mais velhos, as relações vão se ampliando, pois, ela é pautada no dar e receber: solidariedade, ajuda mútua, respeito.

E assim, as pessoas vão se construindo e colaborando para a construção do outro, sendo que a “experiência que pode estar determinada pela maneira ou múltiplas maneiras de constituir o sujeito. E constituir o sujeito em um movimento ou processo que tem suas marcas e características” [...] (Ibidem., 2011, p.76). Nesse sentido, pode-se dizer que a educação desempenha um papel muito importante na transformação do homem:

A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa concepção determinada de mundo, a qual estabelece os fins a serem atingidos pelo ato educativo em consonância com as ideias dominantes numa dada sociedade. O fenômeno educativo não pode ser, pois, entendido de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas sim, como uma prática social, situada historicamente, numa realidade total, que envolve aspectos valorativos, culturais, políticos e econômicos, que permeiam a vida total do homem concreto a que a educação diz respeito.[...]Então, nesse sentido, vivenciamos um tempo de crise paradigmática que, necessita, em nosso entender, ser estudada enquanto fenômeno cultural, embora relacionada com o modelo de produção do conhecimento, mas que deve ser analisada em suas dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais. [...]Embora a quebra na confiança epistemológica do paradigma dominante seja produzida por uma pluralidade de fatores, o grande avanço que o conhecimento científico possibilitou, e, paradoxalmente, um fator significativo nessa ruptura[...] Assim sendo, tanto a teoria quanto as práticas educacionais desenvolvem-se, predominantemente, segundo os paradigmas dominantes num dado momento histórico, o que leva a educação a funcionar essencialmente como elemento reprodutor das condições científicas, políticas, econômicas e culturais de determinada sociedade.²⁸

A educação como processo de transformação, induz o sujeito a participar, pensar, refletir, analisar, criticar, criar. Então, se a educação transforma, propicia meios para que o homem se perceba como ser transformador, é inegável que dessa forma, o trabalho que o professor desenvolve na educação de jovens e adultos, mediando o processo ensino-aprendizagem, é uma maneira de fazer com que eles como seres transformadores que são, contribuam para um mundo com qualidade de vida. E assim, serão pessoas com autonomia, pertencimento que serão respeitadas pela sociedade, e terão mais oportunidades. Nessa caminhada:

Conhecer o universo do aluno é um saber que o professor desenvolve na prática cotidiana. Descobrir quais são seus valores, anseios, necessidades

²⁸É possível encontrar essa obra no site <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-educacao-as-transformacoes-na-sociedade.htm>

para se comunicar, para construir relações, sem abrir mão das intenções e dos alvos a atingir. Esse saber é adquirido na experiência profissional. Agir levando em conta esses saberes é um processo de aprendizado da docência, a qual envolve uma dimensão afetiva (PLACCO, 2006, p.75).

E nesse processo de conhecer o universo do aluno, que o professor mergulha em um campo que permite uma aproximação maior, criando lações de afetividade.

3.3 Laços de afetividade na aprendizagem podem contribuir para o desenvolvimento do aluno

O aluno entra na sala, procura um lugar para sentar-se, é o seu primeiro dia de aula, primeiro encontro com uma pessoa totalmente desconhecida. Esse primeiro encontro, pode gerar medo, ansiedade, desconforto e insegurança. Já não são mais crianças e sim adultos, mas a reação é a mesma de como se fossem crianças, porque é assim que algumas crianças reagem também no primeiro dia de aula.

Nessa sala encontram-se também, outros colegas na mesma situação. Uma sala noturna multisseriadas, composta de pessoas de várias idades, vários saberes, vários objetivos, mas todos que ali estão, apresentam um objetivo em comum que pode ser assim traduzido como, a busca pela aprendizagem. A aprendizagem, pode ser definida como:

[...] um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem[...] o conhecimento é construído e reconstruído continuamente. Quando a educação é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a resignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, caracterizando competências e atitudes significativas. Nos bastidores da aprendizagem há a participação, mediação e interatividade, porque há um novo ambiente de aprendizagem, remodelização dos papéis dos atores e co-autores do processo, desarticulação de incertezas e novas formas de interação mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir.²⁹

Nessa caminhada em busca de mudanças, o professor em conjunto com o aluno, vai moldando, dando novos significados a aprendizagem, porque é sabido que a forma de aprender não é comum para todos, cada aluno tem o seu tempo e o seu momento. Dessa forma:

²⁹É possível encontrar essa obra no site: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>

A Educação como interatividade contempla tempos e espaços novos, diálogo problematização e produção própria dos educandos. O professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem. E mediar é intervir para promover mudanças. Como mediador, o docente passa a ser comunicador, colaborador e exerce a criatividade do seu papel de coautor do processo de aprender dos alunos [...] Na relação desse novo encontro pedagógico, professores e alunos interagem usando a corresponsabilidade, a confiança, a dialogicidade fazendo a auto avaliação de suas funções. Isso é fundamental, pois nesse encontro, professor e alunos vão construindo novos modos de se praticar a educação. É necessário que o trabalho escolar seja competente para abdicar a cidadania tutelada, ultrapassar a cidadania assistida, para chegar à cidadania emancipada, que exige sujeitos capazes de fazerem história própria. Saber pensar é uma das estratégias mais decisivas³⁰.

E, nesse processo de mediar a construção da aprendizagem, professor e aluno, trabalham no sentido de promover mudanças significativas.

Para o professor, essas mudanças significativas, são reflexos do avanço do aluno na aprendizagem, então, isso significa que os métodos e técnicas utilizados pelo professor surtiram efeito. Dessa forma, irão influenciar na constituição desse ser. É notório que a relação professor e aluno é de fundamental importância para a construção e desenvolvimento de ambos, o aluno aprende com o professor e o professor aprende também com o aluno, assim:

É preciso considerar, nas relações que se desenvolvem nesses espaços, a manifestação das igualdades e das diferenças como constituintes do processo ensino e aprendizagem. Caso isso não aconteça, podemos tornar as pedras do meio do caminho obstáculos intransponíveis, que impedem a manifestação do sujeito. O difícil exercício de conhecê-las, por sua vez, permite afastá-las ou não, mas nunca eliminá-las, pois representam as especificidades que fazem do sujeito o que ele é. Não são as semelhanças que promovem o crescimento do grupo, mas as diferenças, que põem em xeque nossas certezas, nos levam a fazer novas perguntas e nos fazem aprender [...] (PLACCO, 2006 p.42).

É claro que existe entre os seres humanos diferenças e semelhanças, então, é importante que sejam desenvolvidas nas relações dos sujeitos que compõem o espaço escolar, o respeito pelas diferenças, já que as semelhanças são mais fáceis de conviver, isso vai enriquecer a forma de aprender dessas pessoas. A aprendizagem apresenta vários objetivos que podem ser classificados em:

[...] domínio cognitivo (ligados a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais); domínio afetivo, (relacionados a sentimentos, emoções, gostos ou atitudes); domínio psicomotor (que ressaltam o uso e a

³⁰É possível encontrar essa obra no site: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>

coordenação dos músculos). No domínio cognitivo temos as habilidades de memorização, compreensão, aplicação, análise, síntese e a avaliação. No domínio afetivo temos habilidades de receptividade, resposta, valorização, organização e caracterização. No domínio psicomotor apresentamos habilidades relacionadas a movimentos básicos fundamentais, movimentos reflexos, habilidades perceptivas e físicas e a comunicação não discursiva.³¹

Na rotina da educação de jovens e adultos, é inegável a presença dos três domínios:

1-O Domínio Cognitivo, que está ligado a constituição do conhecimento, do pensamento crítico e reflexivo, como este aluno administra as informações que recebe, ou seja, o apropriamento da aprendizagem que pode se constituir na construção de uma habilidade:

Entre tais habilidades ou competências importa destacar o ser capaz de pensar e o ser capaz de aprender. São habilidades fundamentais ao trabalho e sucesso escolar dos alunos. Por esse fato, defende-se que deve haver um maior investimento, e para isso os professores teriam de estar preparados, no treino dos alunos no aprender, pensar, conhecer e resolver problemas. Socialmente existe a consciência que a escola deve, cada vez mais, favorecer a aquisição e a destreza de tais competências cognitivas. Elas são requeridas para as próprias aprendizagens e são, ainda, o que pode restar de mais perdurável em face da curta validade temporal dos conteúdos curriculares. Mais ainda, se o insucesso na escolaridade básica desapareceu administrativamente sob o lema de uma “escola de sucesso para todos”, importa que os alunos saiam da escola sabendo pensar e ler a realidade que os cerca, capazes de assumir com alguma autonomia os seus direitos e deveres de cidadania, dominando as novas tecnologias de informação e comunicação.³²

E, é nesse sentido, de promover a organização do pensamento, para assim o aluno poder saber se posicionar, diante das demandas que o cercam, que o professor investe em novos procedimentos. Desta forma, o aluno não terá tanta dificuldade para absorver os saberes, ou seja, os novos conhecimentos.

2- Do domínio afetivo, que exerce um papel de fundamental importância na vida do aluno, à medida que busca estabelecer um padrão motivacional. Esse padrão motivacional, é que vai estabelecer as relações de afetividade, pois, as relações na EJA, estão pautadas na motivação, e essa questão envolve tanto o aluno, quanto o professor nas relações diárias, então:

³¹É possível encontrar essa obra no site: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>

³²É possível encontrar essa obra no site:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000200006

Quando as relações professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor são desgastantes, quando as situações de imperícia do aluno não são levadas em conta, a emoção obnubila a razão; por isso, é preciso baixar a temperatura emocional, a ansiedade, para garantir o pleno funcionamento cognitivo – não se desgastando com ansiedade, pressões, vergonha, medo, o jovem e o adulto podem voltar-se para a aprendizagem dos conteúdos propostos. Quando o professor, em vez de ser o elemento equilibrador na gestão da classe, se contagia com a emoção do aluno, desgasta-se e desgasta ainda mais a situação. [...] Importante lembrar também: o que impulsiona sentimentos e emoções são as necessidades; no contexto escolar, necessidades de apoio de segurança, de valorização (ALMEIDA, 2012, p.17).

O equilíbrio, a sensatez, o saber administrar, sem se deixar levar pelas emoções, o permitir que a razão impere e não as emoções, são requisitos de fundamental importância nas relações entre professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor. E no que diz respeito ao professor, o mesmo tem que estar preparado para conduzir uma sala de aula.

3-O Domínio Psicomotor, que combina as habilidades físicas e os processos cognitivos. No processo psicomotor, faz-se a combinação da escrita com o pensamento (organização), e essa organização da escrita, com a organização do pensamento, na EJA alguns alunos apresentam dificuldades em executar, nesse sentido:

É importante evidenciar que cada aluno é único e, ao buscar desenvolver as mais diferentes capacidades nos alunos, principalmente, nos quais apresentam necessidades educacionais especiais, o professor deve levar em conta as particularidades, respeitando também as limitações e adequando as atividades a todos. Estimular atividades corporais auxilia os alunos a vencer os desafios. Portanto, a psicomotricidade interessa ao indivíduo como um todo, auxiliando a amenizar problemas que possam apresentar. [...]Partir para uma educação do movimento, pois este permite o desenvolvimento de certas percepções, da atenção e estimula a inteligência, fazendo com que o aluno se desenvolva e chegue ao sucesso almejado. Conclui-se, então, que a psicomotricidade deve se fazer presente em todas as salas de aula, pois educandos fisicamente educados terão uma vida mais saudável e produtiva, com um desenvolvimento integrado entre corpo, mente e espírito. É uma ferramenta valiosa, principalmente, para os portadores de necessidades educacionais especiais, pois torna a ação mais significativa para eles. A psicomotricidade, pelas suas inúmeras contribuições, permite fazer com que todos os educandos evoluam, principalmente, os portadores de necessidades especiais, pois conjuntamente com os domínios cognitivos e sociais, aparece como uma ferramenta de grande importância na educação. É preciso que todos os envolvidos com o processo ensino-aprendizagem conheçam e reconheçam as contribuições da psicomotricidade como forma de desenvolver o aluno de forma íntegra.³³

³³É possível encontrar essa obra no site: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_pdp_marcia_salles_favaro.pdf

Na Educação de Jovens e Adultos, atualmente é comum a presença em sala de aula de alunos com necessidades educacionais especiais. Essa tomada de decisão faz parte de uma proposta do ME, então:

A proposta de inclusão do Ministério da Educação foi um avanço no sentido de as pessoas com deficiência terem a garantia de direitos na sociedade, mas a lei foi imposta num curto espaço de tempo, sem que se fizesse uma efetiva preparação das instituições escolares, dos profissionais e da sociedade em geral.³⁴

Sendo assim, continua a velha questão, ao invés de incluir o aluno da EJA, exclui à média que não capacita os profissionais para desempenhar com qualidade as suas funções. Uma outra demanda, é em relação as instituições escolares, no que tange ao espaço físico, poucas escolas estão equipadas para receber os alunos portadores de necessidades educacionais especiais.

Isso dificulta o trabalho do professor, a gestão em si, não está preparada para atuar nesse seguimento, muitas vezes, matricula um aluno que é portador de necessidades educacionais especiais, sem saber que o aluno é portador de necessidades educacionais especiais, pois, no ato da matricula, quem efetuou o mesmo, nesse caso o responsável, não informa a escola. Essa informação deverá ser realizada através de um laudo médico.

Por sua vez, o professor recebe em sua sala de aula, um aluno cuja deficiência não é comprovada através de um laudo. Ao chegar no final do ano letivo, se este aluno for reprovado, porque não tem como comprovar que o aluno é portador de necessidades educacionais especiais, ou seja, se essa necessidade não for visível (cognitiva), gerará um desconforto grande para o professor.

Apesar de já existir uma proposta de inclusão do Ministério da Educação, no caso do jovem e adulto, desconheço algum tipo de serviço, voltado para o diagnóstico de pessoas adultas. Não percebo nenhuma preocupação e muito menos sensibilização, no sentido de incluir por parte dos governantes. O professor que por conta da sua experiência e da sua caminhada, é que em muitos casos, acaba por

³⁴ Inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na EJA: Desafios e perspectivas - Revista Diálogos: extensão: metodologias e inclusão, Brasília, v.20,n.1,nov, 2016

entender determinadas questões que não foram cuidadas na infância, por isso, persistem até hoje:

A inclusão escolar tem início na educação infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores, e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social [...] Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional. [...] Desse modo, na modalidade de educação de jovens e adultos e educação profissional, as ações da educação especial possibilitam a ampliação de oportunidades de escolarização, formação para a inserção no mundo do trabalho e efetiva participação social.³⁵

Assim, como as crianças, os jovens e adultos portadores de necessidades educacionais especiais, necessitam também de todo um aparato, para poder ser inserido no mercado de trabalho, pois:

A educação inclusiva tem sido alvo de discussões e tem proporcionado momentos de reflexões por se tratar de uma realidade vivenciada por todos os segmentos da sociedade, principalmente nas escolas, levando a inúmeros questionamentos e dúvidas sobre o que fazer para que a inclusão aconteça de maneira efetiva na área educacional [...] A inclusão escolar tem amparo legal, mas ainda suscita preocupação nos professores em função da complexidade das situações por eles enfrentadas no dia a dia acerca do atendimento ao aluno com necessidades educacionais especiais que precisa ter, além de seu direito garantido, qualidade nos serviços ofertados, respeitando as especificidades de suas necessidades, evidenciando suas potencialidades[...] Apesar de todo o debate em torno do tema, a inclusão na educação tem sido, até hoje, um desafio, já que nem todos a reconhecem da mesma maneira. A ideologia da inclusão tornou-se um princípio propagado e estimulado, mas esse processo depende muito também da adaptação das instituições escolares, que devem estar estruturalmente e pedagogicamente preparadas para atender a todos os alunos [...]Um dos grandes desafios está na inserção do aluno com necessidades educacionais especiais na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao buscar a EJA, esse aluno poderá se deparar com situações que dificultarão seu acesso, como: acessibilidade, materiais de apoio pedagógico, mobiliários (carteiras e cadeiras adaptadas), comunicação e professor despreparado [...] A inclusão nessa modalidade de ensino certamente é uma oportunidade para valorizar as peculiaridades e particularidades de cada aluno, atendendo todos na escola, incorporando a diversidade, sem discriminação. Mas, para isto, tornam-se imprescindíveis ações eficazes que garantam o desenvolvimento intelectual, social, afetivo e profissional da clientela a qual se destina. Essa tarefa certamente não é

³⁵ É possível encontrar essa obra no site:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uem_eunicelopesdossantos.pdf

fácil, mas se comprometendo e assumindo esse desafio, a escola passa a acolher melhor esses estudantes e a educação inclusiva tem a possibilidade de levar ao desenvolvimento de uma proposta educacional que garanta o direito de todos os alunos de compartilharem um mesmo espaço escolar, sem distinção.³⁶

Se faz necessário, um olhar com cuidado para esses sujeitos, porque não basta só colocá-los dentro de uma sala de aula. Inclusão requer compreender e trabalhar no sentido de realmente incluir. Só desse jeito os jovens e adultos terão uma efetiva participação na sociedade. E esse é um grande desafio para os professores na atualidade.

³⁶É possível encontrar essa obra no site:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5236/1/LD_EJA_I_2013_06.pdf

METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo desse capítulo é descrever como foi desenvolvida a pesquisa realizada com um sujeito da EJA, na Escola Municipal Padre José de Anchieta, na cidade de Salvador-Bahia, cujo tema é: A itinerância de um sujeito da EJA no processo de Ensino-Aprendizagem: Continuidades e Descontinuidades no Contexto Escolar. A coleta de informações foi realizada entre os meses de julho a novembro de 2017.

4.1 Conceito de metodologia

A metodologia pode ser definida como o caminho a percorrer, ou seja, como a pesquisa será conduzida e quais instrumentos o pesquisador utilizará para alcançar os objetivos propostos, dessa forma:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade (MINAYO, 2007. p.14).

Sendo assim, o conceito de metodologia apresenta uma visão ampla, pois, além do método e das técnicas, existe todo um envolvimento do pesquisador, que pode ser traduzido em criatividade, experiência, capacidade pessoal, e sensibilidade, além da escolha dos instrumentos a serem utilizados para o bom andamento da pesquisa.

Para desenvolver essa pesquisa, utilizei o método qualitativo, que pode assim ser definido, como um método de investigação científica que tem como foco a subjetividade do objeto analisado, onde é possível trabalhar as particularidades e experiências individuais do sujeito.

Para fundamentar essa pesquisa, e enriquecer os meus estudos, como também na análise acerca da problematização e obtenção dos resultados que envolvem esse trabalho, utilizei os seguintes estudiosos: Paulo Freire (2001) Moacir Gadotti (2011) Vera Capucho (2012) Laurinda de Almeida (2012) Miguel Arroyo (2017) Vera Maria Placco (2006) José Aquino (1998) Tânia Regina Dantas (2015). Dentre outros.

4.2 A escolha do tema

O porquê da escolha do tema e do método? A escolha por esse tema surgiu a partir de um encontro com os colegas denominado de Reunião Pedagógica (AC) e nessa reunião, cada colega trazia questões que eram pertinentes e preocupantes em sua turma, e eu ouvia aquelas queixas pacientemente. Lembro que em uma dessas reuniões os colegas colocaram como um fator preocupante a questão da infrequência ou frequência irregular. Essa questão chamou a minha atenção.

Ao chegar o momento de colocar as questões da minha turma, percebi que os problemas das turmas dos meus colegas eram exatamente os problemas da minha turma, e que o item infrequência ou frequência irregular, também era forte no grupo em que leciono

A partir dessa reunião, comecei a observar a frequência de uma aluna na caderneta, e constatei que essa aluna já havia se matriculado várias vezes e não conseguia cursar até o fim do ano. Isso chamou a minha atenção, então, surgiu em mim, uma inquietação, e através dessa inquietação a vontade de saber o porquê dessa descontinuidade e dessa continuidade após muito tempo afastada dos estudos. Partindo dessa observação, surgiu à vontade em pesquisar sobre o tema em questão.

4.3 A escolha do sujeito

O primeiro passo, foi definir o tema, em seguida, a seleção da aluna mentalmente que, na visão da pesquisadora, correspondia ao tema escolhido, passei a observá-la não só em sala de aula, como também nas atividades extraclasse. Os itens observados foram: em que lugar da sala ela se sentava, como falava, a sua participação nas atividades realizadas em sala de aula ou fora dela, a sua relação com os colegas, a (s) disciplinas que mais gostava e as que menos gostava. De posse dessas informações, convidei a aluna para participar da pesquisa.

De início a aluna ficou com medo, mas em seguida aceitou. Após a aluna ter aceitado o convite, perguntei a ela se tinha disponibilidade em chegar mais cedo à escola, ela me respondeu que sim. Nós, nos encontrávamos sempre as 18:h30 min., antes dos outros alunos chegarem. No total foram realizadas três entrevistas.

4.4 Sobre o método da pesquisa e os instrumentos utilizados

A intenção em escolher a pesquisa qualitativa, foi por apresentar uma abordagem que permitiu ao sujeito entrevistado no caso, uma aluna da EJA, sentir-se à vontade para expor seus pontos de vista relacionados ao tema em foco. A finalidade da pesquisa qualitativa é compreender o porquê de determinado assunto, por esse motivo se torna difícil traduzir a pesquisa qualitativa em indicadores quantitativos, além disso:

A Pesquisas qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas, por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. Por isso não existe um “continuum” entre abordagens quantitativas e qualitativas, como muita gente propõe, colocando, uma hierarquia em que as pesquisas quantitativas ocupariam um primeiro lugar, sendo “Objetivas e científicas”. E as qualitativas ficariam no final da escala, ocupando um lugar auxiliar e exploratório, sendo “subjetivas e impressionistas” (MINAYO, 2007, p. 21).

A análise na pesquisa qualitativa, não atende a um determinado rigor por se tornar inviável colocar em tabelas e gráficos, questões que envolvem sentimentos, emoções, gestos, posturas, expressão facial, silêncio. Nesse sentido, a pesquisa realizada com um sujeito da Educação de Jovens e Adultos, permitiu-me desenvolver a escuta sensível, para que dessa forma, como pesquisadora, pudesse ter a sensibilidade de entender e analisar também não só o que foi colocado através dos questionários, mas as falas espontâneas, o silêncio e os gestos, esses últimos dizem muito.

Os instrumentos utilizados para compor essa pesquisa, foram: observação entrevista com questionários compostos por questões abertas e fechadas. Sobre as observações é importante salientar que durante o período correspondente a coleta do material, estive atenta e em contato constante com o meu objeto de pesquisa que foi uma aluna da EJA, para que dessa forma as informações coletadas através das observações, pudessem ter credibilidade, esse foi o primeiro passo da minha investigação.

E sobre esse recurso que destacamos um dos elementos essenciais da pesquisa qualitativa, que é a observação, vale lembrar que:

Rigorosamente falando, não existe observação que seja um decalque exato e completo da realidade [...]. Não há observação sem escolha ou sem alguma relação, implícita ou não. A escolha é dirigida pelas relações que possam existir entre o objeto ou o acontecimento e nossa expectativa, em outras palavras, nosso desejo, nossa hipótese ou mesmo nossos simples hábitos mentais [...] A grande dificuldade da observação pura como instrumento de conhecimento é que em geral utilizamos um quadro de referências sem sabê-lo, uma vez que seu emprego é impensado, instintivo e indispensável [...] Portanto, é de primeira importância definir claramente, para todo objeto de observação, qual é o quadro de referências que corresponde a finalidade do estudo (WALLON, apud ALMEIDA 2007, p. 17-18).

O intuito da observação realizada foi confirmar ou refutar as hipóteses levantadas no início da pesquisa, em relação ao objeto pesquisado. As observações me permitiram registrar o comportamento da aluna em todos os aspectos como também o que estava sendo exposto por ela naquele momento. Dessa forma consegui analisar com clareza as informações implícitas como também as explícitas.

A observação realizada permitiu olhar para aquele sujeito com critério, e através desse olhar criterioso, entender que é necessário buscar formas de trabalhar a Educação de modo que esse (s) sujeito (s) que foram excluídos (s) se considere (m) incluídos.

No desenvolvimento da pesquisa, utilizei a entrevista semiestruturada por ser flexível. Nesse tipo de entrevista, podem ser utilizadas perguntas abertas e fechadas, o entrevistado nessa abordagem tem a liberdade de versar sobre o tema proposto, sem necessariamente estar preso ao assunto em questão.

Nas entrevistas realizadas, utilizei um questionário com perguntas abertas contendo 15 questões. Nesse tipo de técnica onde se utiliza o questionário com perguntas abertas, o pesquisado responde espontaneamente as perguntas realizadas pelo pesquisador:

Perguntas abertas fornecem dados qualitativos valiosos. Em essência, elas proporcionam ao pesquisador a oportunidade de obter insights sobre todas as opiniões relacionadas a um tema com o qual ele não tem familiaridade³⁷

³⁷ É possível encontrar essa obra em: <https://pt.surveymonkey.com/mp/comparing-closed-ended-and-open-ended-questions/>

Nesse sentido, proporcionei a pessoa entrevistada, um momento de descontração, no qual pude perceber, que a deixando livre para expor o seu pensamento, a entrevista fluiria. Utilizei também, um outro questionário com perguntas fechadas de autoimagem e autoestima contendo 49 questões. Esse questionário de autoimagem e autoestima, a aluna respondeu em casa, no dia seguinte, devolveu-o respondido. Esse questionário, teve como objetivo colher informações necessárias para assim poder respaldar a pesquisa em ação:

As perguntas fechadas são conclusivas por natureza, pois são desenvolvidas para criar dados facilmente quantificáveis. O fato de serem facilmente codificadas as torna particularmente úteis ao tentar comprovar a relevância significativa dos resultados de um questionário. Além disso, as informações obtidas por meio dessas perguntas permitem que os pesquisadores categorizem os respondentes em grupos com base nas opções selecionadas por eles³⁸

Ao trabalhar com elementos dessa natureza, questionários com perguntas fechadas, pensei em facilitar as respostas dadas pelo sujeito da pesquisa, uma vez que esse tipo de questão, facilita a leitura e a compreensão pela objetividade que as perguntas apresentam.

Ao iniciar as entrevistas com o questionário contendo perguntas abertas e fechadas com a aluna da EJA, tive o cuidado de situá-la em relação ao porquê de tê-la escolhido para participar da pesquisa, assegurá-la da garantia do anonimato e do sigilo sobre os dados coletados, como também da proposta do estudo a ser realizado. Nesse momento, percebi o quanto enriqueceu a minha pesquisa ao utilizar a entrevista como um dos instrumentos, pois, a entrevista, tem como alvo levantar elementos que irão nortear o seu desenvolvimento pois:

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: (a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbitos e outros; (b) os segundos – que são objetos principais de investigação qualitativa – referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia (MINAYO, 2007, p.65).

³⁸ É possível encontrar essa obra em: <https://pt.surveymonkey.com/mp/comparing-closed-ended-and-open-ended-questions/>

No caso da entrevista realizada com o sujeito da EJA, baseado na investigação qualitativa, cujo objetivo foi o de colher informações para assim subsidiar a pesquisa, as informações adquiridas, foram elementos que deram suporte à pesquisa, que teve seu início a partir de um diálogo que foi se ampliando em vários momentos, pois, para cada entrevista realizada, eram expostas pelo entrevistado, informações, dados importantes, pertencentes a sua realidade, e a sua vivência nesse processo de descontinuar, e continuar os estudos ao longo dos anos.

Nessa dinâmica de pergunta e resposta, limitei-me a anotar simplesmente as respostas que a aluna fornecia, sem se quer fazer algum juízo de valor, pois, “a entrevista é também um instrumento rico para permitir acesso aos processos psíquicos que nos interessam: sentimento, Emoções. Cognições” (ALMEIDA, 2012, p.19). Nesse sentido, a pesquisa realizada com um sujeito da EJA, permitiu-me desenvolver a escuta sensível, para que dessa forma, como pesquisadora, pudesse ter a sensibilidade de entender e saber analisar o que esse sujeito queria transmitir.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados consistiu em analisar os dados coletados ao longo dessa pesquisa, após vários momentos que se seguiram de observações, aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, como também, de momentos informais, que se tornaram riquíssimos para essa análise. Momentos esses, que proporcionaram a aluna no decorrer da pesquisa, a oportunidade de se expressar e expor os reais motivos, que a conduziram a continuar e descontinuar os seus estudos.

Em termos de fundamentação teórica, além dos livros utilizados, a análise dos dados, se baseará também, em teses e dissertações que abordam o tema afetividade. Nas entrevistas realizadas com a aluna da EJA, pude perceber que a mesma apresentava dificuldades de se relacionar com a professora como também com os colegas, sempre se sentindo inferior. Para amenizar esse quadro, a professora passou a solicitar mais a presença desta aluna em sala de aula, para assim, inseri-la no contexto, pois:

A afetividade participa da aprendizagem do conteúdo, uma vez que a forma como o professor se relaciona com o seu aluno, reflete nas relações do aluno com o conhecimento. Sendo assim, a afetividade está presente no trabalho pedagógico do professor, mesmo quando este não se dá conta; e cabe a ele, enquanto mediador da relação sujeito/objeto, cuidar para que esta experiência possa ser prazerosa e não aversiva para o sujeito em questão³⁹.

Nesse sentido, a partir da intervenção da professora, do acolhimento dispensado, as aulas que seguiram, na visão dessa aluna, receberam um novo olhar. Ao iniciar este estudo, levantei várias hipóteses a respeito desse procedimento da aluna, em não conseguir concluir seus estudos. Nas conversas que tivemos, percebi que a questão da afetividade as coisas não eram tão simples assim:

5.1 Hipóteses levantadas

As hipóteses levantadas com base nas pesquisas foram as seguintes:

1-Dificuldades em conciliar o trabalho com o estudo;

³⁹É possível encontrar essa obra no site: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/16315/1/Thatiana%20Segundo.pdf>

Esta hipótese foi construída, tendo como base relatos da discente, ao mencionar por diversas vezes, que se sentia muito cansada, pela sobrecarga de atividades no emprego. E que, ao chegar à sala de aula, a aula já tinha iniciado. Esta situação, para ela, causava desconforto e desestímulo.

2- Desestímulo por não ter condições em acompanhar a turma nos conteúdos em sala de aula;

A discente apresenta grande dificuldade na disciplina matemática, no que diz respeito à sistematização, ou seja, não consegue ordenar os elementos organizadamente, apresenta também, dificuldades na resolução dos cálculos matemáticos, nas operações de adição, subtração, multiplicação e divisão com ou sem reserva, levando-nos a compreender que não reuni condições para acompanhar os conteúdos.

3-A permanência durante muito tempo em um mesmo ciclo, gerando assim a reprovação;

Baseado no entendimento de que a discente se sentia muitas vezes desestimulada, pois, não conseguia chegar à escola no horário correspondente às aulas, e por apresentar dificuldades em acompanhar determinadas disciplinas, foi estabelecida essa hipótese.

4- A Falta de incentivo por parte da família.

Conforme informações da discente, quando criança, teve que abandonar os estudos para trabalhar, e assim, ajudar no sustento da família. Fundamentada nessa colocação da discente foi levantada essa hipótese.

Então, baseado nessas hipóteses, dei início ao processo de investigação. Os elementos que fizeram parte desse processo de investigação foram: as observações, as entrevistas com questionários contendo perguntas abertas e fechadas, e para finalizar esse ciclo de estudos, vários depoimentos espontâneos da aluna, que vou chamá-la com o pseudônimo de Maria da Conceição.

Os dados que farão parte desta análise serão as entrevistas, com o questionário com perguntas abertas e fechadas e os depoimentos espontâneos, da aluna. As observações servirão como subsídios para analisar, refletir, e

compreender as questões que motivaram a aluna a continuar e descontinuar os seus estudos no decorrer de sua caminhada.

5.2 – Questionários com perguntas abertas

O questionário com perguntas abertas foi composto por 15 questões, onde pude colher informações a respeito do que a aluna pensava sobre o processo de ensino- aprendizagem EJA.

As conversas que tive com a aluna, me deram a oportunidade de estar perto, e entender o porquê dela se afastar, e depois retomar os estudos em vários momentos de sua vida. Nessas conversas informais, à medida que a aluna discorria sobre a sua vida, ela era tomada por uma emoção muito grande, pois “as emoções são respostas neurológicas e fisiológicas a estímulos (externos e internos), coordenados pelo próprio pensamento [...]”⁴⁰ essa questão da emoção, era nítida por conta das palavras trêmulas e muitas vezes gestos desgovernados.

As entrevistas seguiram sempre em um clima de descontração para que dessa forma a aluna pudesse ficar à vontade, sem medo, sem censuras e sem julgamentos em relação a si mesma.

Foram realizadas várias perguntas: no item ensino-aprendizagem a aluna disse que uma das vezes que abandonou à escola foi em 2009, e que antes de abandonar à escola tinha estudado com vários prós, que se sentiu muito satisfeita com o ensino das prós e que sempre foi bem tratada.

Questionei como ela se sentia ao retornar à escola, ela me respondeu que se sentia feliz da vida, por estar aprendendo tanta coisa, e acrescentou dizendo que: o que puder vir agregar, para mim será bom, estou satisfeita com o ensino da pró, (no caso a pró atual). Comentou também que se sente feliz quando aprende algo novo.

Ao perguntar sobre a sua reação quando não consegue aprender algo novo, ela respondeu que ficava nervosa e frustrada em não aprender. No caso a aluna apresenta dificuldade em compreender os cálculos no ensino da matemática.

Nesse sentido, confirmo a segunda hipótese levantada, que foi: Desestímulo por não ter condições em acompanhar a turma nos conteúdos ministrados em sala

⁴⁰ É possível encontrar essa obra no site: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/introducao/as-emocoes>

de aula. A aluna apresenta dificuldades na compreensão dos cálculos matemáticos, ou seja, ela não tinha afinidade com a disciplina.

Então, de onde vem essa frustração, e esse nervoso que a impediram de continuar e descontinuar os seus estudos, se sentindo muitas vezes incapaz? Esta questão pode estar centrada a traumas de infância:

As vivências da infância são fundamentais na construção da personalidade e formação do caráter de todos os indivíduos. É nessa fase que captamos, muitas vezes sem nem saber, valores importantes, que determinarão nossas escolhas para o resto da vida. Muitas vezes a pessoa nem imagina, mas age de tal maneira, devido a traumas de infância ⁴¹.

Nesse sentido, o comportamento que a aluna apresenta em determinadas situações como ficar nervosa e frustrada quando não consegue aprender, pode estar atrelado a algum trauma de infância.

5.3 – Questionários com perguntas fechadas

No questionário com perguntas fechadas, onde a aluna teve a oportunidade de levar para casa, para assim, poder responder com calma e precisão, foram colocadas várias questões que envolviam o aspecto sócio afetivo.

Baseada nas respostas dadas pela aluna percebi o quanto o aspecto sócio afetivo, (os sentimentos, as emoções, a rejeição, o abandono), influenciou no seu desenvolvimento quando criança, como também continuou a influenciar em uma boa parte de sua vida, nessa perspectiva:

Entende-se, então, por sentimento, uma reação claramente manifestada ante uma situação determinada. Por exemplo, ao dizermos: sentia ternura, começou a sentir ódio, estava com um sentimento de grande entusiasmo, neste caso a palavra sentimento define uma reação determinada que ocorra pela vivência do indivíduo. Ainda acrescentamos que, por sentimento, podemos entender também uma atitude emocional estável, um estado psíquico que se manifesta por uma tendência peculiar ante um círculo determinado de fenômenos da realidade (rejeição, atração ou orientação)⁴²

⁴¹ É possível encontrar essa obra no site: <https://clinicadahipnose.com.br/traumas-de-infancia-4-consequencias-que-impactam-na-sua-vida-adulta-2/>

⁴² É possível encontrar essa obra no site: <http://erica-rosadosventos.blogspot.com/2012/11/a-importancia-da-afetividade-na-eja.html>

Desta forma, com base nos dados coletados, posso afirmar que o aspecto sócio afetivo, contribuiu no processo de continuar e descontinuar os estudos, uma vez que é sabido que o aspecto sócio afetivo estar relacionado aos sentimentos e as emoções. E se o aspecto sócio afetivo não for bem trabalhado na infância, com certeza, trará diversos problemas na fase adulta, porque em torno do sócio afetivo giram interesses como a solidariedade, a cooperação, a motivação e o respeito. Essas questões têm como alvo influenciar na formação de um indivíduo estável e equilibrado e desenvolver também o seu aspecto cognitivo.

5.4 Depoimentos dado pela aluna

Meu nome é Maria da Conceição dos Santos⁴³, nasci no dia 01 de janeiro de mil novecentos e cinquenta e sete às 00:00 horas, em casa, em uma cidade do interior. O nome de minha mãe era Maria Felipa e do meu pai Daniel Santos.

O meu sofrimento começou desde a infância, ou seja, na verdade eu não tive infância, cresci, trabalhando na casa dos outros. Quando criança, eu estudei em banca, não tive a oportunidade de frequentar uma escola, porque onde eu morava não tinha escola, só tinha banca, era um interior onde as pessoas vivem da pesca.

Minha mãe para sobreviver, ia para o mangue pescar siri, para fazer escaldado para matar a minha fome e a fome de meus irmãos. E meu pai, só colocava comida em casa quando conseguia emprego. Fiquei sobre o poder dos meus pais, até os nove anos de idade, a partir daí, eles se separaram e eu fui morar com minha mãe e o meu padrasto.

A situação com minha mãe continuava muito difícil, pois, não tinha comida para comer. Foi aí que meu pai passou a me levar para casa de minha tia, para poder almoçar, nesse tempo, ainda morávamos juntos e eu nessa época, tinha 06 anos de idade, a partir daí o que me recordo foi uma vida de muito sofrimento.

É nesta confrontação que residem o mistério e a importância da memória. Em alguns momentos, provoca enrijecimento, em outros ganha plasticidade, abrindo-se para novas percepções, agregando saberes, como fez o jovem oleiro ao misturar a seu barro os estilhaços da obra de seu antecessor. Nesse itinerário, estilhaços de situações passadas podem conferir valor a uma novidade ou tornar assombroso o que é desconhecido, atribuindo sentidos singulares a determinada experiência (PLACCO,2006, p.41).

⁴³ O nome da discente e dos seus pais são nomes fictícios.

Nesse momento, recordo a dificuldade que a aluna apresentava em lembrar-se dos fatos passados. Quando conseguia lembrar-se, ela comemorava, pois, para ela, já tinha perdido a memória de coisas que aconteceram em seu passado.

Aos nove anos meus pais se separaram e após a separação de meus pais, eu passei a morar com minha mãe e meu padrasto. Eu era muito maltratada por ele, meus irmãos e minha mãe também.

Minha mãe, carregava lenha para cozinhar a nossa comida, pois, não tinha gás. O banheiro de lá de casa, era a céu aberto. Fui trabalhar em casa de família, ajudava a fazer os serviços domésticos como lavar prato, varrer casa, lavar banheiro e outros serviços que não lembro.

Com base no Artigo III da Declaração dos Direitos Humanos, “todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal⁴⁴”. Mas que direito à vida, a liberdade e a segurança pessoal essa criança de nove anos teve, se desde cedo o que ela conheceu foi o trabalho e o abandono? Que perspectivas de vida e que projetos para o futuro essa criança pode ter se ela abandonou a escola para trabalhar e ajudar no sustento da família?

Quando estava no interior porque morei um tempo lá, lembro que constantemente era assediada por meu padrasto, minha mãe estava no quarto dela, ao lado do meu, quando o meu padrasto foi ao meu quarto e me violentou, eu tinha 11 anos de idade. Minha mãe ouviu tudo, mas não tinha como me defender, pois, tinha muito medo dele. É o que eu me recordo.

Engravidei deste homem com 11 anos de idade. Desse estupro nasceu um menino que eu tinha pavor. Fui para a casa de uma pessoa aos nove anos como filha, mas na verdade eu era uma empregada. O marido da pessoa que me tomou como filha tinha um sabiá, e o passarinho fugiu, ele me bateu porque pensou que eu tinha soltado o sabiá dele, aí minha mãe me levou de volta para casa.

A pessoa que me pegou para criar começou a chorar sentindo a minha falta, ela gostava muito de mim, mas o marido dela não! Minha mãe me trouxe de volta para casa. Foi quando eu saí da casa da moça que me criava e voltei para a casa de minha mãe, então foi lá que o estupro aconteceu.

⁴⁴ É possível encontrar essa obra no site:

http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf

Foi aí que vim trabalhar em Salvador e deixei meu filho com minha mãe. Trabalhei em diversos bairros aqui em Salvador, depois fiquei sabendo por minha mãe que a criança tinha ficado doente e morreu.

Tudo que aconteceu comigo me deixou traumatizada, e por causa disso me afastei dos estudos. Tive depressão, não tinha tempo de estudar, pois, tinha que trabalhar. Tentei várias vezes retomar os estudos, mas não conseguia, começava a frequentar e acabava largando. Eu era muito triste, pacata não conversava com ninguém, agora sim, depois que eu encontrei Deus, a minha vida melhorou.

Antes eu era uma pessoa vazia, nervosa, desanimada com a vida com tudo e com todos e até comigo mesma, não via felicidade em nada. Comecei a trabalhar com nove anos de idade para ajudar no sustento da minha família. Sofri muito, até encontrar o meu marido, pessoa muito boa e que me ajudou na vida e aí ele ficou doente, doença de chagas, foi internado no hospital das Clínicas, fiquei com ele até o seu falecimento.

Antes dele, tive uma filha com outra pessoa. Acabei dando a minha filha para uma outra pessoa criar, porque a minha patroa, não aceitava que levasse a minha filha para o trabalho. A minha filha tive na casa de minha patroa. Ela me ajudou muito, mas após a criança nascer, não aceitou que eu continuasse com minha filha na casa dela. Na época eu tinha dezoito anos, dei a uma pessoa que morava no mesmo bairro em que eu trabalhava.

Na verdade, não me recordo a pessoa que eu entreguei a minha filha. Não lembro se foi eu, ou outra pessoa que conseguiu essa mulher que eu entreguei a minha filha. Continuei sofrendo, fui trabalhar em outra casa e lá sofri uma tentativa de estupro. Procurei a minha patroa para falar, ao contar o que aconteceu, ela não acreditou e me colocou para fora da casa dela, dizendo que eu estava mentindo, preferiu acreditar no marido dela.

Hoje sou aposentada, tenho pressão alta, tomo remédio controlado, vivo com um salário mínimo apertado. Meu último afastamento da escola foi em 2009, estou retornando agora em 2018. À vontade de retomar minha vida falou mais alto, eu sei que é preciso muita força de vontade para continuar e vencer.

Quando retornei em 2009, retornei porque não sabia nada, então voltei para aprender a assinar o meu nome. Me sinto hoje feliz da vida, aprendi tanta coisa. Na educação de Jovens e adultos o que eu puder aprender pra mim será bom, estou satisfeita com o ensino da pró, a forma como a pró trabalha me satisfaz. Às vezes, quando minha professora ensina algo novo fico nervosa, frustrada quando não consigo aprender. Quando aprendo fico feliz da vida.

Me sinto satisfeita com o ensino das prós da EJA da Escola onde estudo porque sempre fui bem tratada. A minha professora me recebe muito bem, sempre brincando para relaxarmos. Existe hora para tudo: brincar, estudar, falar dos problemas. A pró conversa com a gente perguntando como foi o nosso dia, tem sempre uma leitura para iniciar a aula, nós lemos para a pró e a pró lê para a gente, depois ela nos diz o que nós vamos fazer e qual matéria vamos estudar naquela noite.

Eu até então, só tenho elogios para as professoras da escola onde estudo. A educação de jovens e adultos ensina para a vida, porque a pessoa sem estudar não é nada. O meu projeto agora que voltei, é não parar mais, enquanto Deus me dê vida e saúde eu quero estudar.

5.5 Análise do depoimento

Ficou evidenciado que das hipóteses levantadas no início da pesquisa foram confirmadas apenas três. São elas:

1-Dificuldades em conciliar o trabalho com o estudo: No depoimento da aluna ela cita essa questão ao dizer “não tinha tempo para estudar, pois tinha que trabalhar”.

2-Desestímulo por não ter condições em acompanhar a turma nos conteúdos em sala de aula: Foi algo que percebi durante as observações, pois, a aluna apresentava dificuldade na compreensão dos cálculos matemáticos.

3-Falta de incentivo por parte da família: Essa hipótese foi confirmada, pois, a aluna relata em seu depoimento, que aos nove anos de idade teve que abandonar os estudos para trabalhar, e assim colaborar no sustento da família.

Refutada a hipótese de nº 4, que diz o seguinte: A permanência durante muito tempo em um mesmo ciclo, gerando assim a reprovação. Essa hipótese foi refutada,

pois, a aluna nunca foi reprovada, e sim, abandonava os estudos como a própria, cita em seu depoimento: “tudo que aconteceu comigo me deixou traumatizada, e por causa disso, me afastei dos estudos. Tive depressão, não tinha tempo de estudar, pois, tinha que trabalhar”.

No início da pesquisa as hipóteses levantadas a respeito do tema: A itinerância de um sujeito da EJA no processo de ensino-aprendizagem: continuidades e descontinuidades no contexto escolar. Foram trabalhadas no sentido de analisar, refletir e compreender sobre as possíveis causas que afastaram essa aluna por diversas vezes dos seus estudos, utilizando para esse fim, os seguintes instrumentos: a observação, as entrevistas com questionários contendo perguntas abertas e fechadas e os depoimentos espontâneos dados pela aluna.

Além da confirmação das três hipóteses levantadas, e uma negada, surgiu um novo elemento no decorrer do desenvolvimento da pesquisa que contribuiu para elucidar a questão em foco. Esse elemento citado pela aluna foi o abuso sexual sofrido, aos nove anos de idade que teve como o autor o seu padrasto.

Nesse sentido, as hipóteses confirmadas, mais o novo elemento que apareceu nas entrevistas, através do depoimento espontâneo da aluna, justifica e responde a minha indagação a respeito do tema que foi “A itinerância de um sujeito da EJA no processo de ensino-aprendizagem: continuidades e descontinuidades no contexto escolar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é fruto de uma questão que já há alguns anos, como professora da EJA, vem me incomodando: a infrequência ou a frequência irregular dos alunos do noturno. Nesse sentido, resolvi pesquisar sobre o tema que denominei: “A itinerância de um discente da EJA e o processo de ensino-aprendizagem: continuidades e descontinuidades no contexto escolar”.

A pesquisa foi dividida em cinco capítulos, a saber: capítulo I EJA: Concepções Políticas e Realidades; Capítulo II Ensino - aprendizagem: EJA no Contexto Escolar; Capítulo III- Dificuldades encontradas no processo de Escolarização do Sujeito da EJA; Capítulo IV- Metodologia da Pesquisa; Capítulo V- Análise de dados.

Nesse sentido, foi desenvolvida uma pesquisa com cunho qualitativo, que me auxiliasse na análise, reflexão e compreensão dos dados coletados, esclarecendo assim, as minhas indagações, sobre os motivos que levam o jovem e o adulto a descontinuar e continuar os estudos.

Esse tema como foi dito antes, surgiu após uma reunião de professores na escola na qual a pesquisadora trabalha. As questões que os colegas colocavam ao longo das discussões, eram as mesmas questões que atingiam a minha turma. O fator preocupante dessas discussões nas reuniões pedagógicas era a infrequência ou frequência irregular do aluno.

Outra questão que preocupa os educadores da EJA, é que em muitos casos, eles abandonam sem ao menos conversar com o professor, e simplesmente desaparecem. Foi por conta desse abandono, que resolvi após a nossa reunião pedagógica, pensar e escrever sobre o porquê desse abandono.

Foi feito um levantamento de hipóteses, que a luz do nosso entendimento poderia ser confirmada ou refutada. Das hipóteses constituídas três delas foram confirmadas e só uma foi refutada. Realizado também um levantamento bibliográfico, para que dessa forma pudesse ter um suporte teórico para as discussões no caminhar da pesquisa.

Desse estudo, o que aprendemos foi que é necessário promover ações que priorizem ao jovem e adulto o desenvolvimento da autonomia, e o fortalecimento

de sua autoestima, pois, o que se vê em sala de aula do noturno são jovens e adultos com baixo-estima, para que, dessa forma, possam construir uma sociedade onde não haja mais a exclusão e sim a inclusão.

Outra questão preocupante é a falta de uma política pública para a Educação de Jovens e Adultos. E essa falta de políticas públicas, atrelada às questões pessoais do aluno, vem influenciando para que esses jovens e adultos se afastem da sala de aula.

Nós, professores, estamos na luta para que as escolas do noturno possam continuar funcionando, pois, os riscos de fechar são grandes. Nesse sentido, não podemos esperar pelo poder público. Temos que pensar em um processo de ensino-aprendizagem inovador, cativante, que as relações sócias afetivas dentro da sala de aula, possam ser trabalhadas através de um olhar, de uma escuta, de um pode contar comigo, para dessa forma, garantir a permanência do aluno na escola.

A proposta desse estudo não é resolver questões que a meu ver compete aos poderes públicos, como criar condições para manter esse aluno na escola, já que o noturno é um turno diferenciado, a dinâmica é outra. Mas sim, criar uma linha de diálogo com o aluno da EJA, para que nesse sentido os alunos possam adquirir autonomia. O que propomos, tem a ver com a afetividade, ou seja, acolher, abraçar, ouvir, partilhar, dizer estamos juntos nessa jornada.

Tudo que foi dito e exposto nessa pesquisa, faz parte de um processo de amadurecimento como professora da EJA, identifiquei-me em alguns casos com colocações que fiz em alguns capítulos. A pesquisa trouxe realização no alcance do objetivo, que foi o de contribuir com um material para análises e reflexões ou mesmo, para uma compreensão maior sobre o que foi tratado nessa pesquisa. A escuta sensível que nós professores temos que praticar no nosso dia a dia, faz parte do processo de incluir os alunos da EJA dentro de um contexto de onde eles foram excluídos.

Através dessas inquietações relatadas, surgiu como base para essa pesquisa a seguinte investigação: Como o sujeito da EJA constitui o seu processo de ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidades e de discontinuidades no contexto escolar? E como objetivo Geral Identificar os processos de continuidades e de discontinuidades do sujeito da EJA no que se refere ao processo de ensino-

aprendizagem. Ela terá também como objetivos específicos: compreender a itinerância de um sujeito da EJA no processo de ensino-aprendizagem a partir dos movimentos de continuidades e de descontinuidades no contexto escolar; analisar como se constitui a aprendizagem do sujeito da EJA baseado no processo de continuidades e de descontinuidades no contexto escolar.

No desenvolver da pesquisa foi aplicado um questionário com perguntas abertas, e outro questionário com perguntas fechadas. No questionário com perguntas abertas, pude colher informações a respeito do que a aluna pensava sobre o processo de ensino- aprendizagem EJA.

As conversas que tive com a aluna, me deram a oportunidade de estar perto, e entender o porquê dela se afastar, e depois retomar os estudos em vários momentos de sua vida. Nessas conversas informais, à medida que a aluna discorria sobre a sua vida, ela era tomada por uma emoção muito grande, pois “as emoções são respostas neurológicas e fisiológicas a estímulos (externos e internos), coordenados pelo próprio pensamento [...]”⁴⁵ essa questão da emoção, era nítida por conta das palavras trêmulas e muitas vezes gestos desgovernados.

As entrevistas seguiram sempre em um clima de descontração para que dessa forma a aluna pudesse ficar à vontade, sem medo, sem censuras e sem julgamentos em relação a si mesma.

Foram realizadas várias perguntas: no item ensino-aprendizagem a aluna disse que uma das vezes que abandonou à escola foi em 2009, e que antes de abandonar à escola tinha estudado com vários prós, que se sentiu muito satisfeita com o ensino das prós e que sempre foi bem tratada.

Questionei como ela se sentia ao retornar à escola, ela me respondeu que se sentia feliz da vida, por estar aprendendo tanta coisa, e acrescentou dizendo que: o que puder vir agregar, para mim será bom, estou satisfeita com o ensino da pró, (no caso a pró atual). Comentou também que se sente feliz quando aprende algo novo.

Ao perguntar sobre a sua reação quando não consegue aprender algo novo, ela respondeu que ficava nervosa e frustrada em não aprender. No caso a aluna apresenta dificuldade em compreender os cálculos no ensino da matemática.

⁴⁵ É possível encontrar essa obra no site:<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/introducao/as-emocoes>

No questionário com perguntas fechadas, onde a aluna teve a oportunidade de levar para casa, para assim, poder responder com calma e precisão, foram colocadas várias questões que envolviam o aspecto sócio afetivo.

Baseada nas respostas dadas pela aluna percebi o quanto o aspecto sócio afetivo, (os sentimentos, as emoções, a rejeição, o abandono), influenciou no seu desenvolvimento quando criança, como também continuou a influenciar em uma boa parte de sua vida. Dessa forma, e por meio das investigações realizadas nesta pesquisa, foi concluído que, o que motivou esse sujeito, a continuar e descontinuar os seus estudos por diversos momentos em sua vida, promovendo assim o seu insucesso, foi o abandono afetivo, consistindo dessa forma, em traumas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃ, M.H.M.B. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas: n.14. p.79-95. Set. 2003.

ALMEIDA, L.R. (Org.) Afetividade, aprendizagem e educação de jovens e adultos: Relatos de Pesquisa na perspectiva de Henri Wallon . 1. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

AMÉLIA. H. O que é a aprendizagem? Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-que-e-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 13 de março de 2019.

ALMEIDA, L.S. Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar. Psicol. esc. educ. v.6 n.2 Campinas dez. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000200006>. Acesso em: 15 de março de 2019.

ALVES, M.D.F; VIDINHA, M.do S.P; BARROS, J.B. Inclusão ou diversidade: Em busca de novos paradigmas para a legitimação do humano do humano. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA12_ID863_12102016225808>.pdf. Acesso em: 30 de março de 2019.

AQUINO, J.G. (Org.). Diferenças e Preconceitos na escola: Alternativas teóricas e Práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ARROYO, M.G. Passageiros da Noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Bahia segue tendência nacional e reduz oferta de EJA em 30% nos últimos 10 anos. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/234571-bahia-segue-tendencia-nacional-e-reduz-oferta-de-eja-em-30-nos-ultimos-10-anos.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

BAITELLO, A.T. De infância: 4 Consequências que impactam na sua vida adulta. Disponível em: [https:// clinicahipnose.com.br/traumas-de-infancia-4-consequencias-que-impactam-na-sua-vida-adulta-2](https://clinicahipnose.com.br/traumas-de-infancia-4-consequencias-que-impactam-na-sua-vida-adulta-2). Acesso em 02 de abril de 2019.

BALSANELLI, A. P. Aprendizagem de jovens e adultos: a aprendizagem a seu tempo. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1285643/mod_resource/content/0/Aprendizagem%20jovens%20e%20adultos%201.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2019.

BARCELOS, V.: DANTAS, T.R. (orgs.) Políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CADE, M.B.S. Inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na EJA: Desafios e perspectivas - Revista Diálogos: extensão: metodologias e inclusão, Brasília, v.20,n.1,nov, 2016. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/download/7017/4800>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

CAPUCHO, V. Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania. (Coleção Educação em direitos humanos; v.3) São Paulo: Cortez, 2012.

CECCON, C.: OLIVEIRA, M.D.de: OLIVEIRA, R.D.de. A vida na escola e a escola da vida. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_d_o_homem.pdf>. Acesso em 29 de dezembro de 2018.

DESLANDES, S.F.: GOMES, R. MINAYO, Maria, C.deS. (Org.). Pesquisa Social. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FÁVARO, M. S. Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE- Produções Didático-Pedagógicas. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_pdp_marcia_salles_favaro.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2019.

FÁVERO, O. Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966), Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf>> Acesso em: 08 de novembro de 2018.

FRANCO, M. A. do R. S. Pedagogia e Prática Docente. São Paulo: Cortez, 20012.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAS, M.L.de Q.: SILVA, J.C.da. Política de Alfabetização de Jovens e Adultos no período da Ditadura Militar (1970-1985): Impactos no Sertão Alagoano. Unisul, Tubarão, v.11, n. 20, p. 395-413, Jun/Dez 2017. Disponível em:<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index> Acesso em : 20 de junho de 2019.

FREITAS, S.R. P.C.de. O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA. VIII Fórum Internacional de Pedagogia. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA8_ID857_29082016143835.pdf> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

FONSECA, S. G. da. O Perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2124388>>. Acesso em: 09 de março de 2019.

GADOTTI, M.: ROMÃO, J. E. (Orgs.) Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GODOY, A. S. Revista de Administração de empresas: Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil, 1995. Disponível em.: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em 15 de dezembro de 2018.

LUCK, H. Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUCKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, L. C. Educação ao longo da vida: Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró. São Paulo: Cortez, 2007.

LIRA, B. C. O passo a passo do trabalho científico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOPES, R.B. AS EMOÇÕES. DISPONÍVEL EM: <<HTTPS://PSICOLOGADO.COM.BR/PSICOLOGIA-GERAL/INTRODUCAO/AS-EMOCOES>>. ACESSO EM: 02 DE JANEIRO DE 2019.

LOURENÇO.F. M.B. HISTÓRIA. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, V 95, JUL./SET.1964, DISPONÍVEL EM: <<HTTP://INEP.GOV.BR/WEB/GUEST/HISTORIA>>. ACESSO EM: 09 DE NOVEMBRO DE 2018.

MARIA, A; TAVARES, C.S; SANTOS, F.dos (Orgs.). SEJA-Salvador-Segmento de Educação de Jovens e Adultos- Proposta Político-Pedagógica, Salvador:Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

PÁDUA, E. M. M. de Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PERGUNTAS FECHADAS X PEGUNTAS ABERTAS. DISPONÍVEL EM : <<HTTPS://PT.SURVEYMONKEY.COM/MP/COMPARING-CLOSED-ENDED-AND-OPEN-ENDED-QUESTIONS>>/. ACESSO EM: 27 DE DEZEMBRO DE 2018.

PLACCO, V. M. N; SOUZA, V.L.T.de (Orgs.). Aprendizagem do Adulto Professor. São Paulo: Loyola. 2006.

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1900>. Acesso em 08 de novembro de 2018

PRO JOVEM URBANO. Disponível. Em <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=134>>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

REGINA, E. A importância da Afetividade na EJA. Disponível em: <<http://erica-rosadosventos.blogspot.com/2012/11/a-importancia-da-afetivdade-na-eja.htm>>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

REGO, T.C. Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

REIS, H. dos R. A Constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas, SP: Autores Associados, 2011

RODRIGUEZ E.O. A INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DESAFIO PARA EDUCADORES DA ATUALIDADE. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://REPOSITORIO.ROCA.UTFPR.EDU.BR/JSPUI/BITSTREAM/1/5236/1/LD_EJA_I_2013_06.PDF](http://REPOSITORIO.ROCA.UTFPR.EDU.BR/JSPUI/BITSTREAM/1/5236/1/LD_EJA_I_2013_06.PDF)>. ACESSO EM: 28 DE MARÇO DE 2019.

SABERES EJA I TEMPO DE APRENDIZAGEM I – Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2016/03/EJA-I-TAP-I-1.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

SACONI. R. Mobral, fracasso do Brasil grande. São Paulo:Folha de S.Paulo, Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,mobral-fracasso-do-brasil-grande-imp-,606613>>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

SANTOS, E.G.dos. A Educação e as transformações na sociedade. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-educacao-as-transformacoes-na-sociedade.htm>>. Acesso em: 11 de março de 2018.

SANTOS, E.L. Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE- Produções Didático-Pedagógicas. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uem_eunicelopesdossantos.pdf>. Acesso em: 03 de janeiro de 2019.

SANTOS. L. R. dos. MOBREAL: A Representação Ideológica do Regime Militar nas entrelinhas da Alfabetização de Adultos. Revista Crítica Histórica Ano V, nº 10 dezembro/2014 ISSN 2177-9961. Disponível em: <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/222/MOBREAL%20A%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20IDEOL%C3%93GICA%20DO%20REGIME%20MILITAR%20NAS%20ENTRELINHAS%20DA%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20ADULTOS.pdf>> Acesso em: 08 de novembro de 2018.

SANTOS, L. R. dos. MOBREAL: A representação ideológica do regime militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos Revista Crítica Histórica Ano V, nº 10, dezembro/2014. ISSN 2177-9961. Disponível em: <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/210/Editorial.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

SCHEIBEL, M.F.: LEHENBAUER, S. Educação de Jovens e Adultos. Porto Alegre: Mediação, 2010.

Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Coordenador pedagógico: caminhos, desafios e aprendizagens para a prática educativa. Avante Educação e Mobilização Social. Salvador, 2012.

SEGUNDO, T. AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: A ATUAÇÃO DOCENTE QUE FACILITA OU DIFICULTA A APRENDIZAGEM. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://TEDE.PUCSP.BR/BITSTREAM/HANDLE/16315/1/THATIANA%20SEGUNDO.PDF](https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/16315/1/thatiana%20segundo.pdf)>. ACESSO EM: 12 DE SETEMBRO DE 2018.

SILVA, J.L. T.da. Princípios da Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/legislacao_vigente_EJA.pdf>. Acesso em: 24 de março de 2019.

SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.G.de C.; GOMES, N.L. (orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

APÊNDICES

Roteiro de Entrevista para alunos

A entrevista direcionada a aluna dá EJA terá as seguintes questões de respostas abertas:

- 1.Data de nascimento:
- 2.Tempo que ficou fora da escola?
- 3.O que você acha que é preciso para estar estudando na Educação de Jovens e Adultos?
- 4.O que fez você procurar a Educação de Jovens e Adultos?
- 5.Como você se sente retornando à escola e na Educação de Jovens e Adultos?
- 6.O que você gostaria de aprender na Educação de Jovens e Adultos?
- 7.De que forma você aprende melhor ou gostaria de aprender?
- 8.Como você se sente quando aprende algo novo na EJA?
- 9.Como você reage quando não consegue aprender algo novo apresentado pelo seu professor da EJA?
- 10.Como você acha que os professores da EJA deveriam ensinar?
11. Como a sua professora recebe vocês alunos da EJA?
12. Como a sua professora inicia a aula na EJA?
13. Quais palavras descrevem os professores da Educação de Jovens e Adultos? O que você acha dele?
- 14.Você acha que a Educação de Jovens e Adultos ensina para a vida?
15. Qual é o seu projeto de vida a partir da EJA?

QUESTIONÁRIO DE AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA (STOBÄUS, 1983)⁴⁶

O presente questionário é de caráter individual e sigiloso.

Gostaríamos que seus dados fossem preenchidos o mais precisamente possível.

Marque com um X a Alternativa que você considera mais correta. Obrigado!

	Sim	Quase sempre	Algumas vezes	Quase nunca	Não
1-Tenho problemas de saúde?					
2-Considero satisfatória minha situação financeira?					
3-Gostaria de ter maior êxito profissional?					
4-Gostaria de ter saúde diferente?					
5-Gostaria de estudar mais?					
6-Preocupo-me com minha situação financeira?					
7-Considero-me profissionalmente realizado?					
8-Sinto-me, profissionalmente, inferior aos meus colegas?					
9-Gosto de aprender?					
10-Sei encontrar soluções para os problemas que aparecem?					
11-Tenho boa memória?					
12-Tenho facilidade de criar ideias?					
13-Considero-me uma pessoa feliz?					
14-Tenho curiosidades em conhecer coisas					

⁴⁶ É possível encontrar essa obra no site:<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3663/1/430440.pdf>

novas?					
15-Tenho planos para o futuro?					
16-Sinto conflitos interiores?					
17-Considero-me uma pessoa realizada na vida?					
18- Gostaria de ser mais inteligente?					
19- Fico tenso e preocupado quando encontro problemas?					
20-Gostaria de ter memória melhor?					
21-O meu passado deveria ter sido diferente?					
22- Canso-me facilmente?					
23- Consegui, até agora, realizar o que pretendia na vida?					
24- Preocupo-me muito comigo mesmo?					
25-Interesso-me pelos outros?					
26- Aceito a minha vida como ela é?					
27-Tenho boas relações com as pessoas mais íntimas?					
28-Penso que os outros não têm consideração comigo?					
29-Relaciono-me bem com meus parentes?					
30-Parece-me que os outros têm vida melhor que a minha?					
31-Sinto-me abandonado pelos meus amigos?					
32-Sou dependente dos outros nas minhas necessidades económicas?					
33-Sinto segurança em minhas atitudes?					

34-Considero-me uma pessoa tolerante?					
35-Tenho senso de humor?					
36-Tenho dúvidas sobre que atitude tomar?					
37-Aceito opiniões diferentes da minha?					
38-Sou uma pessoa triste?					
39-Acuso os outros de erros que eu cometo?					
40-Sinto-me magoado quando os outros me criticam?					
41- Sou uma pessoa medrosa?					
42-As opiniões dos outros têm influência sobre mim?					
43- Tenho certeza sobre o que está certo ou errado?					
44-Sou uma pessoa submissa?					
45-As convenções sociais me afetam?					
46-Sinto que os outros me evitam?					
47-Tenho medo da morte?					
48-Considero-me uma pessoa satisfeita?					
49-Se pudesse começar tudo de novo, gostaria de ter uma vida diferente?					